

**Os Esportes e seu Potencial Empoderador para as Mulheres Praticantes:
Uma Possibilidade Real?**

Autora: Victória Alves Ferreira de Almeida

Orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2020



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Graduação em Psicologia

Os Esportes e seu Potencial Empoderador para as Mulheres Praticantes:

Uma Possibilidade Real?

Autora: Victória Alves Ferreira de Almeida

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como requisito parcial à conclusão de Curso de Psicologia. Professora Orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2020



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Graduação em Psicologia

Folha de avaliação

Autora: Victória Alves Ferreira de Almeida

Título: Os Esportes e seu Potencial Empoderador para as Mulheres Praticantes:

Uma Possibilidade Real?

Banca Examinadora:

Professora orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Prof. Me. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

Prof. Dr. Lucas Alves Amaral

Brasília - DF

Dezembro de 2020

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha mãe Tatiane, que me acompanhou de perto durante toda a minha formação acadêmica e esteve presente oferecendo todo o apoio, suporte e incentivo que necessitei ao longo deste período.

Agradeço à minha querida orientadora, Prof. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira, pela paciência, pelos ensinamentos e pela dedicação com a qual orienta seus alunos. Obrigada por depositar tanto amor e carinho neste trabalho tão lindo que é ser professor/a.

Agradeço às minhas amigas, Ludmila, Malu, Julia, Yone e Rafaela por estarem lá para me ouvir e me apoiar nos momentos mais difíceis dessa jornada. Obrigada pela força que vocês me passaram sempre que eu precisei!

Agradeço às mulheres maravilhosas que concordaram em participar desta pesquisa, enriquecendo-a com suas experiências e vivências e contribuindo para a construção de informações importantes a respeito do tema investigado.

Agradeço aos/às colegas do curso de Psicologia do UniCeub e ao pessoal do CAPsi por terem me auxiliado na busca pelas participantes.

Agradeço, por fim, às colegas que compartilham da mesma paixão que eu, o Pole Dance, pois foram elas que inspiraram esta pesquisa. Foi no ambiente que pratico o esporte que amo, ao observar as mulheres poderosas que ali se encontram que comecei a me questionar a respeito da relação entre empoderamento e esportes, o que resultou na produção da presente Monografia.

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
(...)
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

Triste, louca ou má
Por francisco el hombre

Sumário

Resumo.....	vii
Introdução.....	1
Objetivo Geral.....	11
Objetivo Específico.....	12
1. Papéis de Gênero: Expectativas Sociais Ancoradas no Sistema Binário de Gênero.....	13
2. Potencial Educativo e Empoderador da Prática de Esporte.....	22
3. Mulheres no Esporte: Crítica à Sensualização dos Corpos das Atletas.....	27
4. Metodologia.....	32
4.1. Participantes.....	33
4.2. Materiais e instrumentos.....	34
4.3. Procedimentos de construção de informações.....	35
4.4. Procedimentos de análise.....	37
5. Resultados e Discussão.....	39
5.1. A prática de esportes e a promoção da saúde física e mental das mulheres.....	39
5.2. A prática de esportes e a promoção do empoderamento feminino.....	45
5.3. A Psicologia e a prática de esportes em discussão.....	50
Considerações Finais.....	55
Referências Bibliográficas.....	59
Anexos.....	65
Anexo A.....	66
Anexo B.....	69
Anexo C.....	71

Resumo

A presente Monografia apresenta uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo analisar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas. A pesquisa utilizou como base teórica a psicologia cultural, de forma articulada aos estudos de gênero. Para a realização da pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas virtuais com seis mulheres, na faixa etária entre 18 e 40 anos, estudantes de psicologia a partir do 3º semestre, que se exercitam ou praticam esportes regularmente. Como recurso auxiliar às entrevistas foram utilizadas imagens previamente selecionadas. Para a análise das informações construídas utilizou-se o método de análise de conteúdo em sua vertente temática. Os resultados indicaram, em linhas gerais, que a prática de esportes pode ser benéfica para a saúde física e mental das praticantes, entretanto também indicaram alguns fatores que podem tornar essa prática adoecedora para as mesmas. Os resultados também contribuem com informações a respeito de como a atividade física pode contribuir para o empoderamento feminino e como o conhecimento sobre o tema pode auxiliar o/a profissional de psicologia em sua atuação visando, inclusive, minimizar os fatores que podem tornar essa prática adoecedora para quem pratica. Como principais conclusões, podemos citar a importância da atuação da psicologia junto às mulheres esportistas, pois esta prática se constitui como uma ferramenta para a promoção de saúde mental e física, bem como para a promoção do empoderamento feminino.

Palavras-chave: Gênero; Esporte; Empoderamento feminino; Saúde; Sexismo

Introdução

Na presente seção será apresentada uma introdução ao tema de investigação, contextualizando-o na atualidade, bem como um breve resgate histórico do mesmo. Serão apresentados, também, a justificativa e os objetivos da pesquisa realizada.

Primeiramente, cabe destacar que o presente trabalho tem como tema a inserção das mulheres nas práticas esportivas no Brasil, tendo como foco de análise o potencial empoderador dessas práticas para essas mulheres. A seguir, serão discutidos uma série de fatores que levaram à escolha do tema em questão, explicitando a sua relevância.

Atualmente, o índice de mulheres praticantes de atividades esportivas ainda é bem inferior ao índice masculino (40% menor de acordo com dados de 2017 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD). No entanto, o mesmo vem crescendo com a inserção das mulheres em esportes, incluindo esportes tipicamente considerados “masculinos” como artes marciais, futebol, halterofilismo.

Apesar do crescimento, os dados são preocupantes se levarmos em consideração que, de acordo com a ONU, para se atingir o desenvolvimento sustentável da humanidade alguns dos objetivos são:

Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; e Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. ¹

¹ Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/agenda2030/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf>

Ou seja, se considerarmos o esporte como uma potencial fonte de promoção da igualdade de gênero, empoderamento das mulheres, educação, aprendizagem da mesma maneira que o consideramos uma fonte de saúde e bem estar, podemos concluir que a prática de esportes, em um sentido mais amplo, contribuiria na busca pelo desenvolvimento sustentável da humanidade.

Hoje em dia, percebe-se um aumento do número de mulheres esportistas. No entanto, esta não foi sempre a realidade. Por exemplo, no ano de 1941, com o governo de Getúlio Vargas e durante grande parte do período da Ditadura Militar, esportes como o jiu-jitsu e o futebol chegaram a ser proibidos para mulheres na legislação brasileira, como ilustra o seguinte artigo: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Decreto- Lei No 3.199, 1941).

Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos deliberou com base no artigo anteriormente citado: “2. Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.” (CND, Deliberação No 7, 1965). Essa proibição teve fim somente em 1941 com a revogação da referida deliberação (Moraes, 2012).

Percebe-se, no trecho apresentado acerca do Art. 54 do Decreto-Lei No 3.199 de 1941, que a justificativa utilizada para tal proibição estava fundamentada em uma visão essencialista em termos biológicos (Woodward, 2000), no que se refere às questões de gênero. Ou seja, uma visão de que tais esportes, como o futebol, o polo, o halterofilismo e o baseball não eram compatíveis com uma suposta “natureza” feminina.

Para Madureira e Branco (2015), esse essencialismo biológico cumpre um papel estratégico na manutenção das relações de gênero desiguais ao atribuir a responsabilidade de tais

desigualdades à Biologia. Dessa forma, é necessário o questionamento radical desta visão essencialista para que seja possível uma verdadeira promoção da igualdade de gênero nas diferentes instâncias sociais (Madureira & Branco, 2015). As autoras ainda complementam que discussões críticas a respeito do assunto são necessárias não somente para promover a igualdade de gênero como também:

No combate às diversas formas de preconceito, tais discussões assumem uma relevância ainda maior quando consideramos o espaço de poder ocupado pelos discursos científicos na contemporaneidade. O que acaba por conferir um 'verniz de cientificidade' a argumentos que, na realidade, estão fundamentados em concepções preconceituosas (Madureira & Branco, 2015, p. 582-583).

Felizmente, tal proibição não é mais uma realidade nos dias de hoje. Em nosso país, as mulheres têm conquistado, cada vez mais, seu espaço nas práticas esportivas, em suas diversas modalidades. Para compreender melhor a luta das mulheres para ocupar tal espaço, é necessário entender que, historicamente, as mulheres têm sido vistas em nossa sociedade em uma posição inferiorizada, como mera esposa, cuidadora do marido e dos filhos (Santana, 2016) e têm assumido um papel culturalmente associado à passividade quando comparadas aos homens, além de exercer tarefas voltadas ao interior de suas casas. Isso, infelizmente, implica em um menor espaço de visibilidade social para as mulheres.

Os discursos que “caracterizam a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher” (Louro, 1998, p. 17), acabaram por produzir a invisibilidade da mesma como sujeito (Louro, 1998). Isso vem mudando lentamente, com a luta das mulheres ao

longo da história. De forma mais específica, os movimentos feministas, enquanto movimentos organizados, têm início a partir do final do século XIX, com o chamado “sufragismo”, movimento que lutou pelo direito ao voto para as mulheres e ficou conhecido como a primeira onda do movimento feminista (Louro, 1998). Apesar disso, mesmo no século XXI, ainda estamos longe de poder afirmar que existe igualdade entre homens e mulheres em todos os espaços ocupados por ambos. Ademais, ainda temos que considerar outros fatores que podem ser decisivos quando se trata da inserção das mulheres nos esportes. Altmann (2017) menciona alguns desses fatores:

(...) a maior responsabilização das mulheres pelas tarefas domésticas e de cuidado e os processos educativos e de acesso às atividades físicas e esportivas são alguns dos elementos aos quais as desigualdades de gênero nas atividades físicas e esportivas estão relacionadas. Essas desigualdades também se articulam com outros marcadores sociais de diferença, como raça, renda e escolaridade (p. 6).

Ou seja, os fatores que influenciam a inserção das pessoas nos ambientes esportivos não se limitam ao gênero, mas também a outros marcadores sociais. Isso significa que não podemos deixar de destacar que há diversas desigualdades no decorrer da história e na atualidade quando comparamos a presença nos esportes de mulheres brancas e de mulheres negras, de classe alta ou classe popular, etc. Podemos considerar, como exemplo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Comumente se aborda a luta feminista para conquistar o direito ao trabalho de forma a ignorar outros marcadores sociais relevantes, como pertencimento étnico-racial e classe social. Significa que, raramente, destacamos que este direito foi demandado em sua maioria por

mulheres brancas de classe média, pois as mulheres negras e de classes populares já trabalhavam há muito tempo em fábricas, oficinas e lavouras (Louro, 1998).

Atividades como o trabalho e os esportes são comumente vistos socialmente como atividades masculinas. Isso está intimamente ligado ao que Scott (1995) denomina de “oposição binária masculino-feminino”, que consiste em um pensamento dicotômico, polarizado e hierarquizado sobre os gêneros. Este pensamento fomenta uma percepção de que homens e mulheres são pólos opostos que se relacionam através de uma lógica de dominação-submissão (Louro, 1998). Dessa forma, as características que socialmente são associadas ao feminino e ao masculino acabam por ser compreendidas, também, a partir dessa oposição binária, tendo como exemplos “público-privado”, “força-fragilidade”, “razão-sentimento”, etc. Não é de se admirar que, seguindo esta linha de pensamento polarizada, o esporte seja socialmente visto como algo “masculino”.

Isto se torna ainda mais complexo quando pensamos nos diferentes tipos de esportes e percebemos que, dentro da própria categoria mais ampla “esporte”, ainda há esportes divididos entre aceitáveis para mulheres e aqueles que são considerados estritamente masculinos devido ao nível de exigência física dos mesmos. É aí que a perspectiva essencialista biológica ancorada nos estereótipos de gênero entra em foco, pois a partir desta visão, o feminino é socialmente percebido como sinônimo de delicadeza, fragilidade, baixa força e resistência física, etc.

Tendo em vista o que foi discutido anteriormente, não devemos desconsiderar que as dificuldades das mulheres em adentrar o ambiente esportivo não tem fim ao conquistar este objetivo. Ao contrário, um novo desafio surge: o de manter-se na atividade esportiva escolhida. De acordo com Altmann (2017), o esporte é, frequentemente, local de expressão de desigualdades, ou seja, o preconceito, a discriminação, a desvalorização de suas habilidades

quando comparadas aos homens, entre outras formas de desigualdade, continuam sendo, infelizmente, uma realidade para muitas atletas do gênero feminino.

Quando discutimos sobre mulheres e esportes, vale destacar o potencial empoderador que a prática dos mesmos pode ter, servindo inclusive como ferramenta de ONGs como a Empodera que tem como objetivo empoderar mulheres em situações de vulnerabilidade e torná-las livres para exercerem seu pleno potencial e direitos.² Esse potencial empoderador dos esportes para as mulheres está intimamente ligado a um dos objetivos propostos pela Cúpula das Nações Unidas, para se alcançar o desenvolvimento sustentável, conforme já mencionado: o de reduzir a desigualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas.

Levando em consideração as reflexões anteriores a respeito dos desafios enfrentados pelas mulheres ao adentrar o ambiente esportivo, bem como o potencial empoderador que essa prática pode possuir, resta-nos o seguinte problema de pesquisa: quais são os desafios e os benefícios da prática de esportes para as mulheres? A prática de esportes é, realmente, uma fonte de empoderamento feminino ou apenas mais um ambiente de expressão das desigualdades de gênero?

Em relação ao potencial empoderador anteriormente citado, vale destacar que o mesmo engloba tanto a forma que a mulher vive, ao possibilitar o desenvolvimento de habilidades que contribuem para a ampliação de sua autonomia e para torná-la protagonista de sua própria vida, quanto a forma que ela se relaciona com seu próprio corpo. Ou seja, quando discutimos sobre mulheres e esportes não podemos deixar de analisar e problematizar a questão da corporeidade, principalmente em tempos em que padrões estéticos hegemônicos são disseminados de maneira tão rápida e eficiente pelas diferentes mídias. Afinal, como diria Novaes (2011), “em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como se

² Site Empodera. Disponível em: <http://www.empodera.org.br/>

desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo, sobretudo o feminino” (p. 476).

Atualmente, existe uma excessiva “cobrança” social em relação ao corpo feminino que diz respeito à busca pela “beleza”, a qual está representada pelos padrões estéticos hegemônicos veiculados pela mídia. Infelizmente, esses padrões não coincidem com a realidade de grande parte das mulheres brasileiras que os buscam e acabam por levar as mesmas, muitas vezes, a uma busca incessante pelo impossível através de procedimentos estéticos dos mais diversos tipos. Em alguns casos, não atingir tais padrões pode levar ao sofrimento psíquico, expresso, por exemplo, pelo estresse, pelo sentimento de fracasso e por transtornos mais graves como a bulimia ou a depressão.

Para Novaes (2011), na sociedade atual, denominada “sociedade do consumo” pela mesma, o corpo é capital, ou seja, tem valor de troca e adquire status “por meio de sua jovialidade, de sua aparência de felicidade, de seu poder de atração sexual e, finalmente, do quão longo parece ser” (p. 484). Segundo a autora, é a partir daí que surge a tentativa de retardar o envelhecimento, seja através de adereços, cosméticos ou de intervenções cirúrgicas estéticas, pois, sendo o corpo um capital, não é de se admirar que tempo, dinheiro e energia sejam investidos para que o mesmo seja valorizado e possua condições para a “competitividade” (Novaes, 2011). Ou seja, a sociedade do consumo, onde o corpo é capital, acaba por fomentar a competição entre as mulheres, o que fragiliza a sororidade entre as mesmas. Isso se torna extremamente preocupante se levarmos em consideração a importância desta sororidade no processo de empoderamento feminino.

Quando pensamos o empoderamento feminino na dimensão da corporalidade é de fundamental importância pensar em como este empoderamento pode contribuir para que as

mulheres passem a ter uma relação de aceitação e amor com o próprio corpo, independente de estarem, ou não, dentro dos padrões estéticos hegemônicos.

Tendo em vista a relevância do tema quando se aborda questões relativas ao empoderamento das mulheres, bem como quando estudamos questões sociais e culturais relevantes como as desigualdades de gênero, o preconceito e os estereótipos, é de interesse da Psicologia, enquanto ciência e campo de atuação profissional, se aprofundar no assunto a fim de conhecer melhor os efeitos gerados pela prática de esportes nas mulheres participantes desta pesquisa, bem como as possibilidades empoderadoras e terapêuticas desta prática na promoção de saúde mental para as mulheres.

Cabe mencionar que o tema em foco é de interesse da Psicologia Escolar, pois é na escola que normalmente se inicia a prática de atividades esportivas através das aulas de educação física. No entanto, de acordo com Adichie (2017), é por volta da puberdade que ocorre a evasão, por parte das meninas, dessas atividades. Afinal, “o desenvolvimento dos seios e a percepção de si mesmas podem atrapalhar na prática de esportes” (Adichie, 2017, p. 15). Nestes casos, os/as profissionais da Psicologia Escolar possuem o dever de conduzir mais pesquisas a respeito dos esportes e de sua importância para o desenvolvimento dos/as jovens bem como para a saúde mental dos mesmos. Também é papel do/a psicólogo/a escolar, em colaboração com as escolas, proporcionar aos/as alunos/as uma experiência gratificante e prazerosa em relação às atividades físicas e incentivar a inserção e a permanência desses jovens nessas atividades.

Isto se torna ainda mais importante se levarmos em consideração as sociedades na contemporaneidade em que os/as jovens utilizam com tanta frequência a tecnologia através das mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter. Essas mídias não só controlam o tempo que as pessoas gastam com a tecnologia como também influenciam cada vez mais profundamente o

senso de auto estima e de identidade dos/as jovens. O aumento no uso dessas mídias está relacionada a um crescimento preocupante nos índices de ansiedade, depressão, automutilação e suicídio em adolescentes, na última década.³

Tendo isso em mente, também é importante investigar as potencialidades educativas da prática de esportes no desenvolvimento de habilidades como liderança, controle emocional, entre diversas outras que podem auxiliar os/as jovens no decorrer de suas vidas. Também é relevante produzir novos conhecimentos sobre como os esportes podem trabalhar questões como a depressão e a ansiedade em jovens já que, como mencionado anteriormente, os índices de incidência de ambas aumentaram, de forma exorbitante, nos últimos tempos.

Essa afirmação se baseia no que Marinho-Araújo (2010) expõe em seu artigo quando afirma que às trajetórias do desenvolvimento humano são transformadas e re-significadas pelas mediações simbólicas presentes nos contextos educativos e nos processos de ensino e aprendizagem. Ou seja, o esporte como uma prática que engloba esses processos e está presente nesses contextos educativos acaba por perpassar o desenvolvimento psicológico dos/as jovens que o praticam.

A autora também destaca que o perfil profissional do/a psicólogo escolar deve assegurar alternativas de intervenção e de pesquisas no enfrentamento ao cenário socioeducativo e político-econômico que acentua o controle social e as graves desigualdades que constituem o panorama histórico da sociedade brasileira (Marinho-Araújo, 2010). Isso significa que, de maneira mais aprofundada, intervenções e estudos no campo dos esportes podem contribuir, não só para o desenvolvimento individual das pessoas, mas também com o enfrentamento desse cenário socioeducativo e político-econômico atual.

³ Documentário “O dilema das redes”. O documentário nos alerta sobre o impacto das redes sociais em nosso cotidiano e as implicações que isso pode ter para o futuro da humanidade. Disponível no Netflix.

Essa possibilidade se torna ainda mais clara com a discussão desenvolvida por Madureira (2013), quando a autora afirma que, por um lado, a escola, muitas vezes, produz e reproduz diversas desigualdades arraigadas em nossa sociedade; por outro lado, é também um ambiente fértil para tornar as pessoas mais conscientes de si e do mundo social em que se inserem e, portanto, para desestabilizar esses mecanismos de produção e reprodução de “regras” excludentes presentes em nossa sociedade.

Isso está intimamente relacionado à discussão desenvolvida por Tunes (2013) a respeito da relação entre tempo e educação. De acordo com a autora, a educação é caracterizada pela tensão entre duas forças antagônicas, o passado e o futuro, e se manifesta no presente. O que Tunes (2013) quer dizer é que, ao mesmo tempo em a educação das novas gerações às inserem em uma mundo já existente e, portanto, um mundo do passado, a educação também é renovação e deve oferecer o suporte e a oportunidade para que as novas gerações renovem o mundo, em direção ao futuro.

Quando a educação encontra-se despida de seu aspecto fundamental, a renovação, acaba por aprisionar-se ao passado (Tunes, 2013). É neste momento que o ambiente escolar deixa de ser um ambiente fértil, como mencionado anteriormente, e passa a apenas reproduzir o passado. É a isso que temos que nos atentar quando buscamos construir um futuro em que as desigualdades presentes em nossa sociedade atual deixem de existir.

Outra área da Psicologia que pode se utilizar da prática de esportes é a área da Psicologia da Saúde. Tendo em vista os benefícios já conhecidos que a atividade física traz para a saúde, e levando em consideração que parte do tratamento de alguns/mas pacientes pode demandar a realização dessas atividades, podemos concluir que o/a psicólogo/a da saúde pode fazer uso de conhecimentos acerca do tema para auxiliar pacientes na adesão aos tratamentos recomendados,

por exemplo. Uma outra possibilidade seria a utilização da prática como estratégia terapêutica para pessoas em sofrimento psíquico intenso, em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) por exemplo, ou em parceria com outros profissionais da saúde.⁴

Por fim, é necessário entender como a prática de esportes influencia a vida das mulheres e as implicações que a inserção das mesmas nessa área geram na sociedade brasileira atual, tendo como foco o papel que a Psicologia, enquanto ciência e campo de atuação profissional, pode exercer de modo a contribuir com a desconstrução dos estereótipos de gênero. Isso inclui, portanto, as contribuições da prática esportiva para a promoção da igualdade de gênero e, em um sentido mais amplo, a promoção do desenvolvimento sustentável da humanidade, conforme já mencionado.

Portanto, a presente Monografia apresenta os seguintes objetivos.

Objetivo geral:

Investigar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas.

Objetivos específicos:

- Analisar como a prática de esportes pode contribuir para uma maior aceitação, por partes das mulheres, de seus corpos.

⁴ Sugestão apresentada a partir da experiência da pesquisadora em um trabalho de observação no CAPS II de Taguatinga para a disciplina Psicopatologia I. Durante sua visita ao CAPS II, teve a oportunidade de conversar com um dos usuários e escutar sobre sua experiência em um grupo de futebol, o qual parecia lhe fazer muito bem, pois o usuário se expressou de modo entusiasmado e alegre ao relatar essa experiência.

- Estudar de que forma a prática de esportes pode contribuir com a desconstrução das desigualdades de gênero.
- Analisar os possíveis benefícios da prática de esportes na saúde mental das mulheres.
- Investigar como os profissionais da Psicologia podem fazer uso de conhecimentos a respeito da prática de esportes pelas mulheres em sua atuação.

1. Papéis de Gênero: Expectativas Sociais Ancoradas no Sistema Binário de Gênero

Quando o sexo da criança é revelado, o que era uma abstração passa a ter concretude. O feto já não é feto, é um menino ou uma menina. Essa revelação evoca um conjunto de expectativas e suposições em torno de um corpo que ainda é uma promessa. (Bento, 2011, p. 550)

Quando discutimos sobre a presença das mulheres nos ambientes esportivos, é necessário entendermos o que são papéis de gênero e como eles influenciam as expectativas da sociedade sobre as pessoas. Primeiramente, vale lembrar que sexo biológico e gênero, apesar de constantemente serem vistos como uma mesma “coisa” pelo senso comum, correspondem a conceitos diferentes.

De acordo com Louro (1998), o termo “gênero” passou a ser utilizado como diferente de “sexo” por volta da década de 1970 pelas feministas anglo-saxãs, devido à necessidade de rejeitar o determinismo biológico como justificativa para as desigualdades de gênero e para enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo. No Brasil, o termo demorou um pouco mais para ser utilizado e só se tornou comum entre as feministas brasileiras no final da década de 1980 (Louro, 1998).

Ou seja, a partir deste momento as “justificativas” para as desigualdades necessitam ser buscadas não no sexo biológico, mas sim nos arranjos sociais, na história, na cultura, nas formas de representação. Gênero é, portanto, um conceito que afirma o caráter social e relacional do feminino e do masculino (Louro, 1998). Ou, como diria Siqueira e Samparo (2017), gênero é entendido como “uma categorização pessoal e social dos indivíduos, com base na construção de

sua identidade, portanto independe do sexo biológico” (p. 290).

Para entendermos melhor o processo de construção das identidades de gênero e, posteriormente, dos papéis de gênero, é preciso compreendermos, de forma mais aprofundada, o que caracteriza os “processos identitários”. Para Woodward (2000), as identidades dependem das diferenças, pois para que existam é necessário que haja algo exterior a elas, ou seja, distinto das mesmas, que sirva como um ponto de comparação. Este ponto pode ser uma outra identidade que, por sua vez, é identificada como diferente através de símbolos, podendo estes serem, por exemplo, objetos que as pessoas usam, como roupas ou sapatos. Em síntese, a “marcação simbólica da diferença” é de fundamental importância na construção das identidades. No entanto, não é o único fator que influencia os processos identitários, pois as condições sociais presentes em determinados lugares e períodos são, também, de fundamental importância na caracterização das relações estabelecidas entre diferentes grupos sociais (Woodward, 2000).

Ao analisarmos os processos identitários, torna-se possível utilizar este conhecimento para compreendermos, de modo mais aprofundado, as identidades de gênero posto que, masculino e feminino são socialmente percebidos como dois grupos identitários diferentes, e socialmente considerados opostos, apesar de não serem os únicos referentes ao gênero. Por exemplo, hoje em dia, se discute a respeito da não binaridade de gênero, a qual engloba pessoas que não se identificam nem com o gênero feminino e nem com o masculino. Ou seja, podemos dizer que a marcação simbólica desses grupos diz respeito àquilo que identifica alguém como fazendo parte do gênero masculino ou feminino.

Além do que foi mencionado anteriormente, é importante explicitar que os processos identitários e as marcações simbólicas também estão relacionados ao “processo de construção,

manutenção e transformação de fronteiras simbólicas” (Madureira, 2010b, p. 18) entre estes grupos. De acordo com Madureira (2010b), quando essas fronteiras deixam de ser permeáveis e se tornam rígidas, passando a qualificar alguns grupos através da desqualificação de outros, podemos observar o preconceito em ação. Como exemplo deste fenômeno, podemos citar o sexismo, o qual se caracteriza pela qualificação do gênero masculino em detrimento do gênero feminino.

Vale destacar também que, além de diferenciarem os grupos e identificarem seus membros, as características presentes na marcação simbólica dos mesmos também levam à uma tendência de se criar expectativas diferentes para estes grupos, tais como o papel que se espera que determinada pessoa identificada como mulher ou homem adote em determinada sociedade. É aqui que se inserem os papéis de gênero. Dessa forma, a partir das expectativas originam-se fronteiras ou barreiras simbólicas (a depender de quão rígidas são) entre grupos distintos (Madureira, 2010b; Madureira & Branco, 2015).

De acordo com Madureira (2010a), “a transgressão das fronteiras simbólicas que delimitam a masculinidade e a feminilidade hegemônicas tende a “acionar” diversos mecanismos de normatização: desde piadas maldosas aos/às supostos/aos transgressores/as, até práticas extremas de violência” (p. 43). Estes mecanismos de normatização são acionados como uma forma de manter essas fronteiras simbólicas rígidas e hierárquicas, ou seja, colaboram para a manutenção das desigualdades sociais (Madureira, 2010b).

Em relação aos papéis de gênero, Louro (1998, p. 24) explica que: “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”. A autora ainda expõe que, através do aprendizado de papéis, mais especificamente dos papéis de

gênero, os indivíduos passam a conhecer o que é socialmente considerado adequado e inadequado para homens e mulheres em uma determinada sociedade, e a responder, de diferentes formas, a essas expectativas (Louro, 1998).

Apesar de serem conceitos distintos, atualmente, percebe-se que os papéis de gênero, assim como as identidades de gênero, se encontram socialmente e profundamente ancorados ao sexo biológico no cotidiano e acabam por orientar os papéis que as pessoas esperam que indivíduos de determinado gênero exerçam na sociedade. Isso significa que o sistema binário de gênero estimula a compreensão de que homens e mulheres devem exercer papéis diferentes de acordo com o sexo biológico. Essas expectativas sociais ancoradas no sistema binário de gênero são guiadas pelos estereótipos de gênero.

Os papéis de gênero são associados a determinadas características físicas, psicológicas e comportamentais que são socialmente esperadas dos gêneros feminino e masculino, os quais, como já mencionado se encontram ancorados ao sexo biológico na perspectiva popular. Dessa forma, acaba-se por gerar uma grande expectativa social de que todos os indivíduos de determinado sexo biológico apresentem as características tipicamente vistas como sendo de determinado gênero. Essas expectativas começam a ser projetadas sobre homens e mulheres desde a infância, direcionando a educação e criação que as famílias dão, frequentemente, às suas crianças.

Segundo Bento (2011), é a partir da descoberta do sexo durante a gravidez que a família passa a delinear expectativas e projetos em relação ao(a) novo(a) membro da família, que nem sequer veio ao mundo ainda. Isso pode ser ilustrado em seguida pela escolha de brinquedos, cores, modelos de roupas, os quais serão escolhidos com base no que é socialmente considerado mais apropriado e “natural” para determinado sexo biológico. De acordo com a autora:

Quando se diz “é um menino!”, não se está descrevendo um menino, mas criando um conjunto de expectativas para aquele corpo que será construído como “menino”. O ato da linguagem, nessa perspectiva, não é uma representação da realidade, mas uma interpretação construtora de significados. (...) Quando se diz “menino/menina”, não se está descrevendo uma situação, mas produzindo masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital (Bento, 2011, p. 551).

Ou seja, o anúncio do médico a respeito do sexo do bebê não carrega somente a informação de que o indivíduo que está para nascer possui um ou outro órgão genital, mas também desencadeia uma série de expectativas em relação aos comportamentos, aos gostos, a personalidade que se espera que esse bebê apresente de acordo com o gênero culturalmente associado ao sexo biológico do mesmo. É com base nessas expectativas que, provavelmente, se dará a criação dessa criança.

Nesse sentido, cabe mencionar que Adichie (2015) reflete criticamente sobre as diferenças entre a criação dos homens e das mulheres, enfatizando que as mulheres são criadas para serem “benquistas” e os homens para serem “duros” e poderosos. Isso implica em uma série de expectativas sociais, como, por exemplo, que as mulheres deveriam se portar de forma recatada, delicada, não demonstrando raiva, agressividade ou discordância, ao mesmo tempo em que os homens são elogiados quando apresentam características opostas a estas.

É claro que, em algumas partes do mundo estas diferenças em termos de expectativas sociais são mais evidentes que em outras, no entanto, pode-se dizer que, de forma geral, as mulheres vivenciam uma criação mais voltada a “agradar” os homens e tem como objetivo o

casamento em detrimento dos próprios desejos e ambições pessoais. Em contrapartida, os homens são, frequentemente, educados visando o sucesso, em termos de poder ou de posses (Adichie, 2015). Vale ressaltar que as mulheres, muitas vezes, são vistas, também, como “posses”, como propriedades dos homens. Esta concepção acaba por abrir portas para práticas de violência contra as mulheres quando as mesmas não atingem as expectativas sociais voltadas para o gênero feminino.

A autora ainda destaca que viver constantemente seguindo padrões em vez de sermos nós mesmos/as pode ser adoecedor e nos impedir de buscar o que realmente queremos e o que nos faz bem. Nas palavras da autora: “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (Adichie, 2015, p. 8).

No entanto, se livrar destes padrões não é algo tão fácil. Afinal, quando as ações e os desejos das pessoas não correspondem aos papéis de gênero, e não se apresentam de acordo com o que é definido e socialmente aceito como legítimo para mulheres e homens, as normas de gênero são desestabilizadas (Madureira, 2010b; Madureira & Branco, 2015), as fronteiras simbólicas rígidas, que caracterizam o sexismo, são cruzadas. É nesse momento que, muitas vezes, a violência é utilizada para manter as práticas “transgressoras” afastadas do que é considerado “humanamente normal”, ou até mesmo para extingui-las, pois essas práticas acabam por colocar em cheque o sexismo (Bento, 2008 citado por Fonseca, 2018).

Como consequência deste tipo de criação, Adichie (2015) ainda aponta a fragilidade que o ego masculino assume devido à pressão imposta sobre os homens de serem “durões”. Em suas palavras: “Quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego” (Adichie,

2015, p. 9). Isso ocorre devido ao crescente temor de que sua masculinidade seja questionada caso não se mostrem suficientemente “duros”, o que gera, muitas vezes, extrema insegurança e os deixa intimidados quando estão diante de mulheres que possuem mais posses ou poder que os mesmos. O que pode ocorrer no ambiente de trabalho, familiar ou até no ambiente esportivo, foco da presente pesquisa.

Um exemplo do que pode acontecer quando um homem sente que sua masculinidade está sendo ameaçada é a violência de gênero. De acordo com Almeida (2014), “a emergência social da figura feminina como figura de poder e autonomia, está presente nas diversas vertentes das relações cotidianas que sustentam homens e mulheres entre si, seja no plano das relações interpessoais como no das relações simbólicas e de poder que atuam no espaço público” (p. 333). Para a autora, a violência de gênero ocorre como uma reação emocional dos homens na tentativa de manter ou recuperar as posições de domínio sobre as mulheres e atuar como instrumento de controle para conter as supostas “transgressões” das mesmas.

Estas “transgressões” se caracterizam por sua inserção no espaço cultural-simbólico associado à masculinidade, na vida pública e no mercado de trabalho, bem como a conquista de autonomia e poder. A violência de gênero, portanto, ocorre como tentativa de colocar as mulheres de volta em sua antiga posição de submissão e, conseqüentemente, de evitar a “ameaça” que mulheres poderosas representam ao ego e à masculinidade dos homens autores desta violência (Almeida, 2014). Neste ponto, vale explicitar que não podemos pensar isso de maneira generalizada para todos os homens. É algo que encontra-se vinculado à masculinidade hegemônica a qual poderia ser definida como o ideal de masculinidade presente na sociedade atualmente. Nos casos mencionados anteriormente, a violência não serve, então, apenas como uma forma de colocar as mulheres de volta em uma posição de submissão, mas também de

reafirmar a masculinidade do autor da violência.

Ao longo dos anos, as mulheres vêm ocupando espaços, além do ambiente doméstico, ao qual historicamente vêm sendo limitadas. No entanto, essa conquista vem acompanhada, muitas vezes, pela violência de gênero a qual está presente nas diversas instâncias sociais, seja a violência física, verbal, psicológica, entre outras. Essa violência perpassa as relações de gênero no mundo e é motivo de preocupação, pois, por um lado, as mulheres vêm, cada vez mais, conquistando o seu espaço em diferentes ambientes, como o ambiente profissional, a política, a ciência, as artes, o esporte e, por outro lado, acabam sendo vítimas, muitas vezes, de violência e preconceito nesses ambientes.

Ainda sobre a questão da violência, Madureira e Fonseca (2020) desenvolvem interessante discussão a respeito da importância da educação na prevenção da violência. Segundo as autoras, a educação está presente em diferentes contextos, sejam eles formais ou informais, como as instituições de ensino, as famílias, as mídias e as redes sociais. No entanto, Madureira e Fonseca (2020) focalizam, em sua discussão, o contexto escolar.

As autoras defendem que as escolas devem ser um espaço que “fomente o aprendizado do amor, da importância do diálogo, da busca por soluções não violentas para os conflitos que emergem no cotidiano, para a promoção de uma cultura de paz, efetivamente inclusiva e democrática. (...) deve favorecer, portanto, o desenvolvimento da autonomia de desenvolvimento e de ação” (Madureira & Fonseca, 2020, p. 101). Ou seja, a escola não deve apenas reproduzir a violência, a discriminação e os preconceitos presentes em nossa sociedade, deve constituir-se em um espaço que promove a disseminação de conhecimento e valoriza o diálogo como principal ferramenta na desconstrução destes preconceitos, discursos de ódio, violência, etc (Madureira & Fonseca, 2020).

Diante disso, podemos inferir que os esportes, por estarem inseridos dentro das escolas, através das aulas de educação física, também acabam por assumir importante papel quando se trata da desconstrução de preconceitos, desigualdades e, por conseguinte, da diminuição da violência e dos discursos de ódio. Desta forma, o esporte, quando inserido nas escolas, pode proporcionar um espaço capaz de propiciar uma maior promoção do conhecimento e do diálogo, bem como da cultura da paz, assim como Madureira e Fonseca (2020) defendem que o ambiente escolar deve fazer. Temos aqui, então, mais uma questão referente aos esportes que é de interesse dos/as psicólogos/as escolares.

2. Potencial Educativo e Empoderador da Prática de Esporte

“Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (Adichie, 2017, p. 5).

É de conhecimento geral que a prática de esportes traz inúmeros benefícios para a saúde física e mental do ser humano, sendo importante para a manutenção da qualidade de vida devido aos seus benefícios tanto na redução das taxas de morbimortalidade por doenças cardiovasculares, diabetes, dislipidemias, quanto no aumento da autoestima e redução da depressão e do isolamento social (Paffenbarger et al., 1978; Paffenbarger & Hale, 1975; Gauvin & Spence, 1996 citados por Salles-Costa et al, 2003).

De acordo com Carvalho et al. (1996, p. 79), “estudos epidemiológicos vêm demonstrando expressiva associação entre estilo de vida ativo, menor possibilidade de morte e melhor qualidade de vida.” Os(as) autores(as) também argumentam que o incremento da atividade física na população contribui decisivamente para a saúde pública, já que possui forte impacto na redução dos custos com tratamento médico. Isso ocorre pois “indivíduos fisicamente aptos e/ou treinados tendem a apresentar menor incidência da maioria das doenças crônico-degenerativas, explicável por uma série de benefícios fisiológicos e psicológicos, decorrentes da prática regular da atividade física” (Carvalho et al, 1996, pp. 79).

Quando discorremos sobre saúde, é claro que não devemos nos esquecer dos aspectos relacionados à saúde mental do indivíduo. A prática de esportes também traz benefícios à saúde mental do ser humano e devido a isto a Psicologia deve se interessar nos potenciais desta prática a fim de aumentar seu leque de possibilidades terapêuticas.

Pensando na importância da prática de exercícios físicos, conseqüentemente dos esportes, para a promoção de saúde e qualidade de vida do ser humano, percebe-se que as mulheres não devem ser excluídas dessas práticas. Pelo contrário, devem ser estimuladas desde a infância e adolescência a praticá-los. Afinal, esses benefícios não se estendem somente aos homens. Negligenciar a inserção das mulheres nestes espaços é, portanto, o mesmo que negligenciar sua saúde e bem estar.

De acordo com Oliveira et al (2011), o exercício de algum tipo de atividade física consiste em uma possibilidade real de otimizar o bem-estar, o que se associa, portanto, à promoção da sua saúde mental. Nas palavras dos/as autores/as:

Denotam-se, alguns benefícios da atividade física: 1) está relacionado positivamente com o bem-estar físico, emocional e psíquico em todas as idades e ambos os sexos; 2) reduz respostas emocionais frente ao estresse, estado de ansiedade e abuso de substâncias; 3) reduz níveis leves e moderados de depressão e ansiedade; 4) a prática regular se relaciona com a redução de alguns comportamentos neuróticos; 5) a criatividade e memória são ampliadas; e 6) aumento da capacidade de concentração. Pelo exposto, sugere-se que há relação direta entre atividade física e saúde mental (p.130).

Além dos benefícios mencionados anteriormente, a prática de esportes pode ser um caminho interessante na promoção do empoderamento feminino, que engloba tanto a forma que a mulher vive, ao possibilitar o desenvolvimento de habilidades que ampliam sua autonomia e favorece que se tornem protagonistas de suas próprias vidas, quanto a forma que ela se relaciona com seu próprio corpo. Estamos nos referindo, aqui, às habilidades como liderança, defesa

pessoal física, assertividade, inteligência para lidar com situações de conflito ou com aspectos emocionais, como a ansiedade, a depressão, o estresse, etc.

Antes de continuar a discussão a respeito deste potencial empoderador, é preciso compreendermos, primeiramente, o conceito de empoderamento. A partir de uma perspectiva feminista, empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação (Sardenberg, 2017). Este processo implica na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero e da opressão patriarcal e tem como um de seus maiores objetivos questionar, desestabilizar e, enfim, desconstruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, pois a mesma mantém essa opressão de gênero (Sardenberg, 2017). Ou seja, percebe-se, mais uma vez, que o empoderamento feminino é de vital importância no combate às desigualdades de gênero.

Além disso, também proporciona às mulheres assumirem maior controle sobre seus corpos e suas vidas, pois é um processo que implica no desenvolvimento de uma maior capacidade de fazer escolhas. Capacidade esta que, anteriormente, lhe era negada (Naila Kaber, 1999 citada por Sardenberg, 2017).

Adichie (2017) quando se dirige a uma amiga que lhe questionou como criar a filha para ser uma feminista cita a importância de incentivá-la a praticar esportes, a ser ativa. Nas palavras da autora: “Qualquer tipo de esporte. Penso que é importante não só por causa dos evidentes benefícios para a saúde, mas porque pode ajudar com todas as inseguranças quanto à imagem do corpo que o mundo lança sobre as meninas” (Adichie, 2017, p.14).

Isso significa que a prática de esporte pode ser benéfica quanto à aceitação do próprio corpo e ajudar meninas e mulheres a amarem-se independentemente se se encaixam nos padrões de beleza vigentes ou não. Levando em consideração os malefícios de se buscar incessantemente o

corpo ideal e não obter êxito nesta busca, creio que a contribuição que a prática de esportes pode oferecer para minimizar estes malefícios, seja bem vinda. Estamos nos referindo a meninas e mulheres vencendo distúrbios alimentares, transtornos mentais, inseguranças e vivendo mais satisfeitas com os corpos que tem. É claro que não podemos dizer que a prática de esportes seja a “solução” definitiva para todos estes problemas. No entanto, pode oferecer contribuições importantes nessa direção.

Após a leitura aprofundada do artigo de Adelman (2006), no qual a autora expõe os resultados das entrevistas que conduziu com dois grupos de mulheres (um de jogadoras de vôlei e o outro de amazonas do hipismo), cheguei à conclusão de que o potencial empoderador que a prática de esportes pode ter parece estar intimamente ligado a alguns fatores como, por exemplo, a visibilidade que o esporte possui nas mídias. Ou seja, o quanto o público conhece e acompanha a modalidade, o que também nos diz bastante sobre o quão amplas devem ser as expectativas e cobranças sociais sobre os/as atletas de alto rendimento, no geral. Quanto às mulheres, ainda podemos acrescentar a essas expectativas e cobranças aquelas que se encontram ancoradas aos estereótipos de gênero.

A modalidade do esporte também se constitui em um fator, pois alguns esportes são vistos como “masculinizantes” e outros como “mais femininos”. O que, simultaneamente à visibilidade da modalidade em questão, coloca a mulher em uma posição em que está exposta ao questionamento de sua “feminilidade”, principalmente no que diz respeito ao seu corpo. Aqui percebe-se, então, como diriam Moura et al (2009), “o grau de importância que ainda tem a identificação esporte-masculinidade e como continua incidindo nas escolhas e práticas” (p. 3).

E, por último, mas não menos importante, a motivação para a iniciação esportiva bem como a escolha do esporte, ou seja, as razões pelas quais a mulher iniciou o esporte e como

ocorreu a escolha do mesmo. Esta motivação pode estar interligada a indicadores sociais como pertencimento étnico-racial, classe social e gênero. Por exemplo, alguns esportes, como o hipismo, são comumente praticados por pessoas brancas de classe econômica média e alta (Adelman, 2006). Ainda deve-se levar em conta que estes fatores encontram-se mais intimamente ligados à prática esportiva profissional e não podemos desconsiderar as diferenças desta com a prática esportiva amadora, ou seja, não podemos analisá-las sem levar em conta suas diferenças.

Levando em consideração o que foi discutido anteriormente, podemos concluir que corpo e mente não devem ser vistos de maneira separada um do outro, mas sim a partir de uma perspectiva de ser humano integrado. Desta forma, não podemos apenas pensar na saúde física do ser humano sem pensar também em sua saúde mental, ou seja, a prática de esportes não é de interesse somente de médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, entre outros profissionais da saúde que têm como foco de atuação questões ligadas ao corpo. Também é do interesse da Psicologia, pois envolve, também, a saúde mental do indivíduo.

3. Mulheres no Esporte: Crítica à Sensualização dos Corpos das Atletas

“Afinal, não podemos esquecer que, na sociedade contemporânea, o esporte é um palco privilegiado para a exposição de corpos que, ao exibirem-se e serem exibidos, educam outros corpos.” (Goellner, 2005, p. 97)

Atualmente, as mulheres já conquistaram o direito de praticar esportes e competir em eventos como as Olimpíadas, com algumas exceções a depender da modalidade e do país ao qual pertencem. No entanto, as dificuldades de se manter profissionalmente neste meio ainda persistem. A exemplo disso temos uma situação que ilustra bem a fala de Wangari Maathai, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2004 (citada por Adichie, 2015), quando a mesma afirma que quanto mais perto do topo chegamos, menos mulheres encontramos. Isto se torna ainda mais preocupante quando consideramos outros marcadores sociais, como o pertencimento étnico-racial e classe social.

Como exemplo disso podemos mencionar a pesquisa realizada por Souto (2020) e as informações que a autora nos traz a respeito da presença das mulheres negras em posições de poder. A pesquisa em questão trata-se da análise documental dos seguintes filmes selecionados pela autora: “Preciosa: uma história de esperança” (2009), “Café com Canela” (2017) e “Felicidade por um Fio” (2018) e teve como tema a discussão a respeito das feminilidades e negritudes nos ambientes cinematográficos. A autora expressa de forma clara em sua pesquisa as diferenças entre o número de mulheres brancas e o número de mulheres negras em posições de poder na indústria cinematográfica nacional e internacional. De forma mais específica:

Nota-se que o silenciamento das vozes de mulheres negras é estendido também aos filmes brasileiros. A pesquisa “A Cara do Cinema Nacional” analisou os filmes de maior bilheteria entre 2002 e 2012. A pesquisa constatou que 84% dos diretores são homens brancos, 13% são mulheres brancas, 2% são homens negros e nenhuma das diretoras é negra, o mesmo ocorre entre os/as roteiristas. Já entre os atores e atrizes, 80% do elenco é composto por pessoas brancas e apenas 4% por mulheres negras (Souto, 2020. p. 04).

O mesmo padrão ocorre no âmbito da carreira esportiva. É difícil encontrar mulheres, de maneira geral, ocupando cargos de coordenação como técnicas, treinadoras, etc. Quanto às mulheres negras, nem se fala. Isto acontece, de acordo com a autora, pois uma mulher negra, por ser mulher e por ser negra apresenta mais de um marcador social alvo de discriminação (Souto, 2020). Ou seja, quanto mais marcadores sociais alvos de discriminação, como, por exemplo, ser mulher e ser negra, mais difícil é para a pessoa crescer profissionalmente em diversos ambientes.

De acordo com Goellner (2005), a atuação de mulheres como técnicas esportivas ainda é muito restrita, especialmente em equipes de alto nível. Este ainda é um campo de domínio masculino. O mesmo ocorre nos setores de organização e de direção dos esportes, por exemplo, as federações e confederações esportivas. Ou seja, apesar da presença feminina no esporte ter aumentado bastante nos últimos tempos, ainda é raro ver mulheres em cargos relacionados à gestão esportiva. Portanto, não podemos afirmar que, com o aumento do número de mulheres no esporte, não exista ainda uma grande disparidade em relação às oportunidades oferecidas para homens e mulheres neste campo. Também não podemos afirmar a inexistência de preconceito em relação à presença feminina nos esportes (Goellner, 2005).

Outro desafio enfrentado pelas atletas é a sensualização e erotização de seus corpos, os

quais acabam ganhando maior visualização e exposição em detrimento das discussões a respeito de suas habilidades esportivas. Existe, inclusive, a concepção de que, para atrair maior público e patrocínio, é necessário tornar as atletas mais “femininas”, principalmente no caso de atletas de modalidades como o futebol já que, supostamente, as mesmas possuem uma aparência mais “masculinizada”, fugindo dos estereótipos de gênero e dos padrões estéticos hegemônicos.⁵ Percebe-se, portanto, a representação do corpo feminino como algo a ser observado, como um “objeto visual” a ser contemplado por homens. Isso ilustra o que Loponte (2002) discute como uma pedagogia visual do feminino, ou seja um processo que naturaliza e legitima o corpo feminino como objeto de contemplação masculina (Loponte, 2002).

De acordo com a autora, os corpos femininos vêm sendo tema recorrente nas artes visuais ocidentais desde o Renascimento, e vem “construindo e consolidando através de pinturas e esculturas um olhar masculino sobre a imagem das mulheres” (p. 285). Ou seja, as representações visuais dos corpos femininos vem sendo, historicamente, voltadas para o olhar masculino. Berger (1999 citado por Loponte, 2002) ainda complementa ao referir-se às representações das mulheres na arte ocidental como uma imagem feminina solidificada de passividade e submissão a um olhar masculino, tanto do artista quanto do espectador.

Ao discutir a respeito de como o corpo feminino vem sendo representado pela mídia, não devemos deixar de mencionar a discussão desenvolvida por Loponte (2002), que, ao analisar historicamente as imagens, por meio de algumas pinturas e esculturas ocidentais, evidencia que as mesmas vêm explorando os corpos femininos como tema e que isso se dá através de um único tipo de olhar: o olhar masculino e seu modo de ver. Ou seja, apesar de ser o corpo feminino em destaque, o que realmente se encontra em evidência aqui é o olhar e a sexualidade masculina

⁵ Dimensão Olímpica - Mulheres no Esporte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kPtpDXaaBNA>

(Loponte, 2002).

Moura et al (2009) discorrem sobre a presença das mulheres nos esportes considerados “masculinos”, também vistos como esportes violentos e agressivos. A exemplo destes, o futebol e as modalidades de luta como o UFC. De acordo com os/as autores/as, as mulheres que desejam adentrar nestas modalidades ainda enfrentam outra dificuldade traduzida pela crença popular de que estes esportes tipicamente considerados masculinos também influenciam na sexualidade do indivíduo. Meninas que demonstram interesse nestas modalidades desde criança podem se deparar com pais extremamente preocupados com a possibilidade de que a prática as tornem homossexuais (Moura et al., 2009).

Aqui podemos observar o que Borrilo (2009) denomina como “homofobia geral” a qual nada mais é que “uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino)” (p. 22). De acordo com o autor, este tipo de homofobia se define pela discriminação de indivíduos que apresentam, ou a quem se atribuem, características tradicionalmente consideradas como sendo do outro gênero. “Dessa forma, a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizes do masculino em direção ao feminino e vice-versa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo”” (Borrilo, 2009, p. 22).

Ou seja, a homofobia acaba por agir como uma espécie de “vigilância do gênero”, na qual as práticas discriminatórias homofóbicas não denunciam apenas a suposta sexualidade da pessoa, mas também sua condição de “desertor” ou “traidor” do gênero ao qual ele ou ela pertence “naturalmente”. Isso ocorre, pois a homossexualidade acaba por ser considerada como algo fora do “ideal” de masculinidade ou feminilidade, ou seja a homofobia acaba por colocar

em dúvida não só a sexualidade dos indivíduos, mas também a própria masculinidade ou feminilidade dessas pessoas (Borrilo, 2009). Nas palavras do autor: “No momento em que se pronuncia “veado!”, em geral, o que se faz é mais que especular sobre a verdadeira orientação sexual da pessoa: é denunciar um não-respeito aos atributos masculinos “naturais”. Ou, quando se trata alguém de “homossexual”, denuncia-se sua condição de traidor e desertor do gênero ao qual ele ou ela pertence “naturalmente” (Borrilo, 2009, p. 22). Desta forma, podemos compreender melhor a conexão entre sexismo e homofobia. Ambos se encontram e se fortalecem ou, como diriam Madureira e Branco (2012), “se retroalimentam nas práticas cotidianas” (p. 139).

Tendo isso em mente, podemos notar que as atletas não estão livres das cobranças presentes na sociedade brasileira atual no que se refere a corresponderem aos padrões estéticos hegemônicos veiculados pelas mídias e outros meios de comunicação, padrões estéticos em sintonia com os estereótipos de gênero. Pelo contrário, com seus corpos em evidência as mesmas acabam, muitas vezes, sendo criticadas por não se encaixarem nos padrões de beleza, por serem consideradas socialmente como mulheres “masculinizadas”, sofrendo pela sensualização de seus corpos, além de serem vítimas de práticas discriminatórias sexistas.

4. Metodologia

A pesquisa foi realizada utilizando uma metodologia qualitativa de investigação, que favorece a elaboração de análises mais aprofundadas sobre o objeto de estudo (Minayo, 2016). De acordo com Minayo (2016), as pesquisas qualitativas focalizam “(...) o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (p. 21-22). Segundo a autora, a pesquisa qualitativa se aprofunda na análise dos significados, nas ações e nas relações humanas, algo que não pode ou não deve ser quantificado.

Ainda de acordo com Minayo (2016), é um tipo de pesquisa que trabalha com o universo da produção humana, ou seja, das relações, das representações e da intencionalidade. O ser humano se distingue por ser capaz de pensar e interpretar suas ações a partir da realidade social em que vive e compartilha com seus semelhantes (Minayo, 2016). Neste caso, a metodologia qualitativa é uma metodologia que considera o papel da cultura como algo de fundamental importância no desenvolvimento humano, além de ser, também, coerente com a complexidade que caracteriza o desenvolvimento psicológico humano (Madureira & Branco, 2001).

De acordo com Madureira (2007), é de suma importância a discussão a respeito dos pressupostos epistemológicos que estão na base da metodologia de pesquisa utilizada, seja ela qualitativa ou quantitativa, pois os mesmos orientam o olhar dos/as pesquisadores/as. Neste caso, cabe explicitar que a presente pesquisa é inspirada na epistemologia qualitativa desenvolvida por González Rey. O autor defende os seguintes pressupostos da epistemologia qualitativa:

O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa o que significa que a

interpretação também assume importante papel na construção do conhecimento já que o mesmo não representa apenas a soma de fatos definidos pelas constatações imediatas do momento empírico. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento o qual defende que a relação entre investigador/a e investigado/a é indispensável para o processo das investigações e a interação entre ambos é fundamental para a produção do conhecimento. A legitimidade da singularidade no processo de produção de conhecimento, pressuposto que afirma que a singularidade é legítima ao investigar a subjetividade do sujeito (González Rey, 1999 citado por Madureira, 2007).

Em síntese, a metodologia qualitativa se mostra uma escolha adequada na produção de análises aprofundadas a respeito das desigualdades de gênero, papéis de gênero, empoderamento feminino e a prática de esportes.

4.1 Participantes

Participaram desta pesquisa, seis mulheres na faixa etária entre 18 e 40 anos, estudantes de psicologia a partir do 3º semestre, que se exercitam ou praticam esportes regularmente, como forma de atividade física ou, então, profissionalmente. Com o intuito de preservar o sigilo em relação às identidades pessoais das participantes dessa pesquisa, foram adotados os seguintes nomes fictícios para representarem cada participante, conforme apresentado na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1

Participantes, nome fictício, esporte, idade, pertencimento étnico-racial, semestre do Curso de Psicologia

Nome Fictício	Esporte	Idade	Pertencimento Étnico-Racial	Semestre do Curso de Psicologia
Suzana	Kart	26 anos	Branca	6o
Ana	Ballet	20 anos	Branca	5o
Luísa	Dança e corrida	23 anos	Negra	9o
Mariana	Levantamento de peso	23 anos	Branca	9o
Vanessa	Natação e Muay Tay	20 anos	Branca	4o
Bia	Pilates	20 anos	Branca	4o

Os nomes foram escolhidos de forma aleatória e não possuem qualquer relação com o nome verdadeiro das participantes. Vale destacar, também, que todas as participantes são alunas de instituições particulares de ensino superior no Distrito Federal.

4.2 Materiais e instrumentos

O instrumento utilizado na pesquisa foi o roteiro de entrevista semiestruturada, tendo como recurso auxiliar imagens retiradas da internet que tem relação, direta ou indireta, com o tema investigado (Anexo A). As imagens foram previamente selecionadas pela pesquisadora.

Para a realização das entrevistas individuais semiestruturadas virtuais foram utilizados os

seguintes materiais: computador, roteiro de entrevista impresso, documento no formato PowerPoint com as imagens previamente selecionadas (Anexo A), e um celular, utilizado como gravador, com o consentimento das participantes. Também foi utilizado arquivo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo B), que foi enviado para cada participante um pouco antes da realização da entrevista.

4.3 Procedimentos de construção de informações

O Projeto de Monografia foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Após ter recebido o parecer de aprovação (Anexo C), as participantes foram selecionadas entre contatos de redes interpessoais da pesquisadora. Após um primeiro contato para fornecer breves informações a respeito da pesquisa, as entrevistas foram marcadas e realizadas.

Ressalta-se que, devido ao atual contexto de pandemia da Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente para garantir a segurança tanto da pesquisadora quanto das participantes. Este foi um cuidado ético adotado pela pesquisadora a fim de minimizar os riscos da pesquisa para as pessoas envolvidas durante este período. Para a realização das entrevistas virtuais foi utilizada a plataforma Google Meet.

No início das entrevistas, foram assegurados os aspectos éticos que garantem a segurança e o sigilo em relação às identidades pessoais das participantes juntamente com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e, somente após as participantes expressarem sua concordância verbalmente, foi dado seguimento às entrevistas. O áudio das entrevistas foram gravados, com o consentimento das participantes, e transcritos para facilitar o processo de análise das informações construídas no decorrer da realização da pesquisa de campo.

A entrevista semiestruturada, assim como a entrevista aberta, tem como vantagem criar um espaço dialógico favorável para a expressão de experiências e vivências pessoais das participantes. Isso se dá por não ser um tipo de entrevista com perguntas fechadas, as perguntas são abertas e apenas servem como guia, permitindo que as pessoas façam seus relatos, apresentando não só respostas curtas e diretas, mas também histórias de vida, opiniões, relatos, etc. Em uma pesquisa em que se pretende investigar os significados que determinadas pessoas atribuem ao tema focalizado, a entrevista semiestruturada é uma estratégia metodológica muito importante, pois possibilita que o/a pesquisador/a tenha acesso a uma riqueza de informações (Lima, 2016).

Como recurso auxiliar às entrevistas, foram utilizadas imagens retiradas da internet que apresentam relação, direta ou indireta, com o tema investigado. Através deste recurso é possível investigar os significados atribuídos pelos/as participantes ao tema investigado, principalmente quando o mesmo se trata de um assunto polêmico como o preconceito, a discriminação, a sexualidade, etc (Madureira, 2016). De acordo com a autora, o uso de imagens como recurso metodológico também nos permite analisar os sentimentos que determinada imagem mobiliza na pessoa que está sendo entrevistada e se mostra um recurso muito útil em pesquisas relacionadas a processos identitários, diversidade e preconceito (Madureira, 2016).

O uso de imagens, enquanto ferramentas metodológicas, no contexto de entrevistas pode nos ajudar a entender, de forma mais aprofundada, os pensamentos e os sentimentos do/a entrevistado/a em relação a alguns assuntos. Isso fica claro se levarmos em consideração as análises desenvolvidas por Berger (1980). De acordo com o autor, aquilo que sabemos ou julgamos afeta o modo como vemos as coisas, isto é, cada um/a de nós possui um modo próprio de ver que faz com que a percepção de uma mesma imagem por diferentes pessoas pode ser

muito distinta e, por sua vez, pode nos trazer indícios da “bagagem” que as pessoas carregam previamente e que se refletem nesse modo de ver (Berger, 1980).

4.4 Procedimentos de análise

Para Gomes (2016), a análise e a interpretação fazem parte de um mesmo movimento: o de olhar atentamente para as informações construídas no decorrer da pesquisa. Nesta pesquisa, foi utilizado o método de análise de conteúdo em sua vertente temática, que envolve a construção de categorias analíticas para “agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (Gomes, 2016, p. 70). Trata-se, portanto, de um método de análise que se mostra útil para a análise das informações que foram produzidas na pesquisa de campo realizada, facilitando a identificação de pontos de convergência e divergência nos discursos das participantes.

Em uma pesquisa que utiliza enquanto estratégia metodológica a entrevista semiestruturada, a construção de categorias analíticas pode auxiliar na organização das informações, permitindo assim, melhor articulação entre as informações produzidas e a teoria. Ou seja, ajuda o/a pesquisador/a a evitar um dos obstáculos denominados por Minayo (1992 citada por Gomes, 2016) para uma análise eficiente. Este obstáculo diz respeito ao “distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa” (p.69).

Portanto, o procedimento de análise, o qual teve início com o processo de transcrição das entrevistas, ocorreu através da organização das informações produzidas considerando as categorias analíticas temáticas, as quais foram construídas após as transcrições. As categorias analíticas possibilitam a construção de comparações, no que se refere à identificação dos pontos de convergência e divergência entre os relatos dos/as participantes e o levantamento

bibliográfico realizado. Dessa forma, é possível focalizar quais questões a respeito do tema de investigação originam posicionamentos mais homogêneos e quais originam posicionamentos mais heterogêneos entre os/as participantes (Madureira, 2007).

Ao final do processo de transcrição das entrevistas foram elaboradas as seguintes categorias analíticas temáticas: 1) A prática de esportes e a promoção da saúde física e mental das mulheres; 2) A prática de esportes e a promoção do empoderamento feminino; 3) A Psicologia e a prática de esportes em discussão.

5. Resultados e Discussão

Na presente seção, serão apresentados e discutidos os resultados mais significativos da pesquisa realizada, organizados ao longo de três subseções às quais correspondem às categorias analíticas elaboradas e mencionadas anteriormente. A primeira subseção aborda algumas das condições para que a prática esportiva seja benéfica e não acabe por adquirir teor adoecedor para quem pratica. A segunda subseção analisa de que maneira a prática de esportes ou atividade física pode contribuir com o empoderamento feminino. A terceira subseção analisa a relação entre a Psicologia e a prática de esportes e de que maneira os/as profissionais da Psicologia podem fazer uso de conhecimentos a respeito desta prática em sua atuação profissional.

5.1. A prática de esportes e a promoção da saúde física e mental das mulheres

No decorrer da pesquisa de campo, enquanto realizava as entrevistas com as participantes, percebi que todas elas, de alguma maneira e em algum momento, acabavam por se referir à prática de esportes como possuidora de dois aspectos antagônicos: um que seria predominantemente benéfico para a pessoa que pratica e outro que seria adoecedor. As participantes também mencionam, em alguns momentos, quais seriam os possíveis fatores que colaboram para que o esporte adquira um caráter saudável ou que contribuem para que a prática se torne algo, de diferentes formas, desfavorável para a saúde mental de quem pratica.

Nesta subseção, apresento uma discussão comparativa entre os esportes como promoção de saúde mental e física e os esportes como promoção de adoecimento psíquico. Para tanto, é preciso, primeiramente, explicitar quando o esporte está atuando em benefício da saúde física e mental das mulheres e quando não está.

A partir dos relatos das participantes percebi que, para a maioria delas, o esporte age como fonte de saúde física e mental e de bem-estar. Para algumas, o mesmo também age como fonte de amor próprio e melhor relacionamento com o próprio corpo. Quando questionadas as participantes se referiram ao esporte como fonte de auto estima, amor próprio, autoconsciência, conhecimento, sentimento de pertencimento e saúde física e mental. Além disso, todas indicaram a prática de esportes como fonte de liberação dos hormônios ligados ao prazer e ao bem-estar.

Algumas participantes também apontaram a possibilidade de se utilizar o esporte como ferramenta de alívio em relação ao estresse. Em termos fisiológicos, o estresse se caracteriza pelo “modo como o corpo reage a qualquer mudança na rotina, num determinado momento da vida (bom, ruim, real ou até imaginário)” (Oliveira et al, 2011, p.129). Essa reação consiste na liberação de grandes quantidades de cortisol no organismo, o que pode ser extremamente prejudicial à saúde do indivíduo se acontecer com muita frequência. Tendo em vista que, hoje em dia, os indivíduos vivenciam o estresse como um fato frequente e muito presente em seu cotidiano, podemos concluir que, o ser humano está sujeito aos efeitos nocivos do estresse crônico (Oliveira et al, 2011).

A questão em relação a esta temática seria: como o esporte pode contribuir para o alívio de estresse? A participante Ana se refere à atividade física da seguinte maneira: *“É uma descarga, pro cansaço físico e pro cansaço emocional e pro que tiver te pesando. Você consegue descarregar tudo isso no ambiente esportivo, seja por meio de competições ou só por-pelo desafio que é”*. Isso pode estar relacionado com o fato de que, ao contrário do estresse, a atividade física “aumenta a liberação de diversos neurotransmissores como aumento nas concentrações de norepinefrina e seus precursores, aumento nas concentrações de serotonina e β -endorfinas” (Oliveira et al, 2011, p. 128). Lembrando que alguns destes neurotransmissores

são comumente conhecidos por estarem associados a sensação de relaxamento e prazer, algo que, como mencionado anteriormente, é expresso nas falas das participantes.

Quanto aos possíveis malefícios relacionados à prática de esportes, foram citados pelas participantes distúrbios alimentares como a bulimia e a anorexia, bem como possíveis lesões. A pressão, o estresse, a ansiedade e as cobranças também foram mencionadas, mas sempre relacionadas às práticas esportivas profissionais. Isso acontece, pois o que está envolvido nos ambientes do esporte profissional é a busca por um alto desempenho o que pode ser ansiogênico e estressante para os/as atletas.

Por outro lado, Fabiani (2009) aponta que, justamente a ansiedade e o estresse pré-competitivo podem acabar por prejudicar o desempenho do/a atleta. De acordo com a autora, isso ocorre principalmente em momentos que antecedem as competições. É nesses momentos que os níveis de estresse e ansiedade se mostram mais elevados e podem interferir no desempenho dos/as atletas. Fabiani (2009) ainda defende que, a partir do momento em que os níveis de ansiedade e estresse ultrapassam os níveis considerados saudáveis, é necessário que os/as atletas sejam acompanhados pelo/as psicólogos/as do esporte a fim de evitar quedas em seu desempenho.

A seguir, será desenvolvida uma discussão mais aprofundada a respeito dos fatores que podem influenciar na experiência esportiva para as mulheres e que podem colaborar para que esta experiência seja saudável ou não. A partir dos relatos das entrevistadas, notou-se que questões como a motivação, os objetivos, o ambiente, o corpo e a diferença entre esporte amador e esporte profissional, constituem importantes elementos quando se trata do esporte como algo benéfico e do esporte como algo prejudicial à saúde da mulher praticante. Deixo claro, desde já, que minha intenção não é afirmar que algum destes elementos possui relação direta de

causalidade com experiências ruins ou boas em relação ao esporte. Meu objetivo aqui é apenas analisar os possíveis fatores que podem ou não interferir nesta experiência, baseando-me, principalmente, nos relatos acerca das vivências das participantes.

“Eu acho que a sua mentalidade entrando na atividade física vai fazer toda a diferença, é... o seu foco na hora de fazer a atividade física vai fazer toda diferença, seu objetivo, é... porque dependendo de qual o seu foco, o jeito que você vê a atividade física, o jeito que você faz atividade física muda. É... por exemplo, se o seu foco é só mudar a aparência física e ficar obcecado com sua aparência física, é... muita gente vai exagerar, muita gente vai comer menos, muita gente vai se machucar, vai se lesionar, muita gente vai ficar extremamente frustrada porque acha que em uma semana vai ter incríveis resultados quando, na verdade, não é assim.” (Bia).

Na fala da participante Bia, percebe-se que a motivação e os objetivos que a pessoa possui ao iniciar a prática esportiva pode influenciar bastante na experiência da mesma com a atividade física e se esta experiência será benéfica ou não. A participante ainda menciona um exemplo do que seria uma motivação “ruim” para se iniciar a prática de esportes e cita alguns dos possíveis malefícios que poderiam derivar-se desta prática quando o objetivo é meramente voltado para a estética. É claro que não podemos considerar este exemplo como uma “verdade absoluta”, já que não podemos afirmar que todas as mulheres que adentram os esportes com este objetivo não obterão bons resultados para sua saúde física e mental.

Outro ponto importante que podemos perceber através da fala da participante Bia, diz respeito ao poder que as mídias sociais possuem, não só de veicular padrões estéticos

inalcançáveis e destoantes da realidade como também de propagar inverdades⁶, o que pode acarretar em enorme frustração para meninas e mulheres que desejam obter o corpo “ideal”.

Aproveitando a menção a respeito dos padrões estéticos hegemônicos, não devemos deixar de abordar o corpo e as expectativas colocadas sobre o mesmo no ambiente esportivo como algo que pode ou não ser prejudicial à saúde mental das atletas. Quando questionadas sobre quais seriam os padrões estéticos relacionados ao corpo feminino, presentes nos ambientes esportivos, a maior parte das respostas apontaram para um corpo magro, alto e com definição muscular.

A participante Luísa ainda aponta um fator importante relacionado ao corpo ideal no ambiente da dança. De acordo com a mesma, é impossível falar de padrões estéticos sem mencionar o recorte racial: *“(...) para mim é impossível não pensar, não perceber que o padrão de corpo é um corpo branco, é um corpo magro, né... e... branco com todas as suas características, né, tipo, cabelo liso, de preferência... né, e quanto mais características brancas, melhor.”* A participante também expõe que as mulheres negras são minoria nas salas de aula, inclusive nas aulas de dança afro. Luísa supõe que isso acontece pois a dança ainda é um desporto considerado ainda muito elitista.

De acordo com Vanessa, algumas cobranças em relação ao corpo são necessárias para que a atleta apresente um bom desempenho no esporte:

“Então eu acho que é uma coisa assim, um pouco... eu acho importante na medida certa, não pode ser algo massacrante, né, não pode ser algo que é imposto, cobrado e que a mulher comece a se sentir mal. Mas ao mesmo tempo eu acredito que, para você ter um

⁶ Conforme o que é discutido no documentário “O dilema das redes”, já mencionado na página 9 da presente Monografia.

desempenho legal, você precisa de tá com o seu peso em equilíbrio e tudo certinho, então...(...). Mas que é uma coisa que tem que ser tratada de forma leve, ao mesmo tempo eu acho que não pode ser excluído, sabe, do esporte” (Vanessa).

A participante deixa claro que essas cobranças só devem ir até o ponto em que são necessárias para uma bom desempenho, sem ultrapassar a linha do que é confortável para a mulher. Acredito que estas cobranças em relação ao desempenho se encontram mais presentes nos ambientes profissionais o qual, na fala das participantes Mariana, Ana, Suzana e Vanessa, se mostra um ambiente onde há maior presença de elementos prejudiciais à saúde mental feminina do que o ambiente de esporte amador. Dentre os elementos mencionados pelas mesmas participantes, podemos citar como exemplos a pressão para um bom desempenho, a pressão pelo corpo ideal para determinado esporte, a falta de apoio e incentivo em termos de patrocínio e a discriminação sofrida pelas mulheres decorrente do sexismo.

Nesse sentido, Mariana expressa o quão prejudicial este ambiente pode ser para as atletas:

“Mas eu acho que também depende do contexto, se você tá num contexto muito tóxico dessa cobrança do esporte, assim, super intensa e que não é uma coisa para você, de cuidado com você, é uma coisa de rendimento, de mostrar números, de ganhar prêmios, eu acho que pode acabar prejudicando muitas mulheres, assim” (Mariana)

Tendo em mente o que foi exposto anteriormente, bem como os relatos das participantes, pode-se perceber que estes fatores possuem grande relação com a experiência que as mulheres podem ter ao praticar esportes. Desta forma, podemos dizer que somente o esporte em si não

promove a saúde, nem o adoecimento, principalmente em termos de saúde mental. Isto é algo que depende, também, dos fatores mencionados. Assim sendo, devemos reconhecer a importância da Psicologia e sua atuação no contexto dos esportes e atividades físicas, pois essa atuação pode contribuir para a minimização dos fatores que podem tornar a prática esportiva adoecedora e ajudar a promover aqueles que contribuem com a saúde mental dos/as praticantes. É sempre importante, também, que a os/as atletas profissionais possuam apoio psicológico ao longo de sua carreira, tanto para garantir que sua saúde mental seja mantida, quanto para auxiliar os/as mesmos/as a alcançar um bom rendimento e desempenho.

5.2. A prática de esportes e a promoção do empoderamento feminino

“(...) depois de cada jogo é como se eu tivesse saído de uma apre- do Quebra Nozes ou da Giselle... ou o Lago dos Cisnes, é... você se sente... pronta. Para enfrentar qualquer coisa. Acho que talvez por causa da adrenalina, não sei, mas... é... é um sentimento... para mim sempre foi indescritível, uma coisa, realmente, que toma conta de você, você se sente realmente poderosa.” (Ana).

Como vimos anteriormente, a prática de esportes pode tanto ser prejudicial à saúde da mulher quanto benéfica, isso a depender de alguns fatores. Mas o que nos interessa na presente seção é a discussão mais aprofundada a respeito de um dos possíveis benefícios que a prática de esportes pode proporcionar às mulheres praticantes: o empoderamento feminino.

Antes de nos aprofundarmos no conteúdo referente à presente categoria analítica, é importante resgatar o conceito de empoderamento, anteriormente mencionado nas seções teóricas desta Monografia. Como já mencionado, o empoderamento, a partir de uma perspectiva

feminista, diz respeito ao processo de conquista da autonomia por parte das mulheres, o que implica em um maior controle sobre seus corpos e suas vidas, proporcionando o desenvolvimento de uma maior capacidade de fazer escolhas (Sardenberg, 2017).

A partir da fala das participantes, constatei que quase todas, frequentemente, se referiam a um “sentimento de capacidade” enquanto relatavam a respeito de como se sentiam ao praticar seus respectivos esportes. Algumas ainda mencionaram uma “autoconsciência” e uma “sensação de liberdade”. Por exemplo, a participante Vanessa aponta o conhecimento adquirido através das práticas esportivas como aplicável em outras áreas da vida. Mas como isso se relaciona com o empoderamento em si?

Se buscarmos pela definição da palavra “autonomia”, veremos que, de acordo com o dicionário da língua portuguesa consultado pela pesquisadora, nada mais é do que a capacidade para gerir sua própria vida pelos próprios meios ou o direito e aptidão de tomar decisões livremente.⁷ Ora, não estariam as participantes se referindo justamente a isso quando relatam se sentirem “capazes de realizar qualquer feito, de enfrentar qualquer situação”? Nestes casos, a prática esportiva parece servir como um gatilho para a autonomia. Uma tomada de consciência de que essa autonomia existe e é possível desenvolvê-la. Isso é muito importante se levarmos em consideração que, muitas vezes, as mulheres ainda não se tornaram conscientes de sua própria autonomia e nem da relevância da mesma para suas vidas.

Além disso, todo o conhecimento adquirido com a prática de esportes, nas palavras da participante Vanessa, têm possibilidade de ser utilizado em outras áreas da vida. Dessa forma, este conhecimento poderia ser utilizado como base para que as mulheres desenvolvam maior aptidão para tomar decisões, aumentando sua sabedoria e, conseqüentemente, seu leque de

⁷ Definição baseada no dicionário de língua portuguesa online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/autonomia/>

possibilidades. Ou seja, não é só o sentimento de capacidade que aparece com a prática, juntamente com ele as mulheres também adquirem embasamento para que possam, futuramente, se tornarem livres para tomarem suas próprias decisões.

Quando discutimos a respeito de mulheres tomando suas próprias decisões e fazendo suas próprias escolhas, estamos nos referindo também à mulheres que rompem os padrões e “transgridem” barreiras. Mais especificamente a barreira do sexismo. Oras, mas porque? Porque, de acordo com o sistema binário de gênero, as mulheres são incentivadas a acreditarem que precisam de homens para tomarem decisões por elas, o que acaba por promover a manutenção do sexismo. Ou seja, a partir do momento em que as mulheres desenvolvem sua autonomia e se tornam mulheres empoderadas, também se tornam “transgressoras” e, portanto, agentes da mudança.

Afinal, a “transgressão” promove mudanças. Nas palavras de Silva (2012) “pensar na transformação social envolve transgredir as normas de comportamento, dominação e de poder impostas pela sociedade aos gêneros” (p. 7). É claro que não é um processo fácil, rápido e sem turbulências. Como já mencionado anteriormente, nas seções teóricas desta Monografia, a transgressão das fronteiras simbólicas acaba por acionar diversos mecanismos de normatização que visam a manutenção destas fronteiras (Madureira, 2010a). Desta forma, as mulheres que se tornam agentes da mudança necessitam de força e resiliência para enfrentar os desafios representados pelo o preconceito, pela discriminação, pela violência, entre outros, gerando inquietação e, por fim, modificando o *status quo* vigente em nossa sociedade (Silva, 2012).

Se o empoderamento feminino tem o poder de transgredir fronteiras e promover mudanças podemos inferir, portanto, que o empoderamento pode, também, promover a desconstrução das desigualdades de gênero. Retomando o foco da discussão para a prática de

esportes, podemos então pensar a desconstrução das desigualdades de gênero neste contexto.

Primeiramente, ressalto que as desigualdades de forma geral encontram-se presentes nos ambientes esportivos, mas a discussão desenvolvida a seguir focaliza especificamente as desigualdades de gênero devido ao tema de pesquisa da presente Monografia.

Quando questionadas se o ambiente esportivo era um ambiente de expressão das desigualdades entre homens e mulheres, somente Vanessa relatou não ter passado por nenhuma experiência em que percebeu este tipo de desigualdade. A mesma acredita que, por praticar esportes de maneira informal, visando a saúde, esta desigualdade não seja tão presente neste contexto quanto deve ser em contextos esportivos profissionais. Dentre as expressões de desigualdades de gênero presentes nos ambientes esportivos, foram citadas as seguintes pelas participantes: a falta de reconhecimento, a falta de visibilidade, a falta de oportunidades e a falta de patrocínio.

Em relação ao reconhecimento, Luisa e Ana, ao se referirem respectivamente à dança e ao vôlei expressam que, ainda que as mulheres consigam ocupar posições de poder dentro das duas modalidades, precisam enfrentar ainda dificuldades como o questionamento de suas habilidades. No contexto da dança, Luísa ainda pontua que é muito difícil encontrar mulheres que conseguem viver da dança ao contrário dos homens. Isso pode estar relacionado à questão da diferença salarial entre homens e mulheres.

Quanto à visibilidade, a opinião de Luísa é a seguinte:

“Homem, por ser homem, ele têm um lugar, ele têm um espaço. E a mulher têm que ficar encontrando ferramentas para ser vista, para ser ouvida. E acho que na dança, muitas vezes isso acontece também, né, quando eu vejo competições... é muito nesse sentido.

Infelizmente.” (Luísa)

De acordo com a mesma, para conseguir maior visibilidade, as mulheres precisam apelar para aspectos voltados para o corpo, como a sensualidade. Vemos aqui ilustrada, a questão da erotização do corpo feminino, já discutida anteriormente nas seções teóricas da Monografia.

A respeito das oportunidades, os discursos de Bia e de Mariana tiveram como foco, na verdade, uma forma de discriminação, caracterizada pela forma que os professores passam os treinos para as mulheres.

“Eu, por exemplo, quando comecei a fazer a academia, os professores sempre me passavam os menores treinos. Se não fosse eu tentando fazer um pouco por conta própria, tipo, eu nunca teria desenvolvido muito, porque tinha professor que falava assim, tipo... "ah, mas você não vai conseguir ou... você é mulher e mulheres não conseguem pegar esse peso todo”” (Mariana)

É importante explicitar que o que as participantes relatam neste momento não ilustra somente as desigualdades de gênero no contexto esportivo, mas também a discriminação das mulheres, fomentada pelo sexismo e baseada em uma visão essencialista biológica de que mulheres não possuem capacidade física para executar determinadas tarefas, como levantar pesos.

Ainda sobre as oportunidades, podemos incluir a questão do patrocínio o qual, de acordo com Suzana, Mariana e Ana, é escasso para as mulheres em determinados esportes como o kartismo. De acordo com Suzana, a falta de patrocínio afeta inclusive a visibilidade das mulheres

no esporte. Nas palavras da mesma: *“você não vê muitas mulheres, não só porque não têm, mas porque é mais difícil de conseguir apoio, de conseguir patrocínio, de conseguir esse tipo de coisa.”* Desta forma, as oportunidades de crescimento profissional das atletas se tornam ainda mais escassas, principalmente em esportes que exigem alto investimento financeiro.

Levando em consideração a discussão desenvolvida a respeito do empoderamento feminino e do poder que o mesmo possui de promover mudanças, bem como o que foi exposto a respeito das desigualdades de gênero presentes no âmbito esportivo, podemos perceber a importância de se promover o empoderamento feminino. É importante, pois, se aspiramos uma sociedade mais livre de problemas como o sexismo e a homofobia, dentre outros tipos de preconceitos, é necessário o reconhecimento da importância do empoderamento feminino e o incentivo de práticas, dentre elas o esporte, que promovam o desenvolvimento do mesmo nas mulheres. Desta forma, não só os preconceitos, mas também as desigualdades de gênero podem ser pouco a pouco superadas, tornando nossa sociedade mais igualitária e pacífica.

5.3 A Psicologia e a prática de esportes em discussão

“Se é uma coisa que tá contribuindo para saúde psicológica, então é de suma importância que seja abordado, que as pessoas entendam, que os futuros psicólogos entendam isso.” (Vanessa).

Nas categorias analíticas anteriores, foi mencionado que, a depender de alguns fatores, a prática de esportes pode levar ao adoecimento psíquico do/a atleta. A fim de minimizar os riscos e maximizar os benefícios oferecidos pela prática de esportes é de vital importância que a Psicologia, enquanto ciência e campo de atuação profissional, aborde questões a respeito do

esporte durante a formação de novos/as psicólogos/as de forma que os/as mesmos/as possam aplicar esse conhecimento futuramente em sua atuação.

Ao longo desta seção, serão analisadas algumas das formas que a Psicologia pode fazer uso dos conhecimentos a respeito da prática de esportes em sua atuação, deixando claro desde já, que estas são as possibilidades que surgiram através da fala das participantes e que não são as únicas existentes. Nesse sentido, a primeira delas pode ser ilustrada pela fala de uma das entrevistadas a seguir:

“Então, eu acho que qualquer curso devia trazer de algum jeito a importância, tentar conscientizar as pessoas e, inclusive a Psicologia, por causa, inclusive da pergunta anterior, né, que eu falei que afeta muito, melhora muito a saúde mental e Psicologia obviamente trabalha com a saúde mental, então a atividade física eu considero, para mim, como algo terapêutico que tá totalmente atrelado com o meu psicológico.” (Bia).

Para Bia, portanto, a prática de esportes está diretamente ligada à saúde mental e pode ser terapêutica para quem pratica. Neste caso, o/a psicólogo/a clínico/a, à depender da demanda do cliente, pode sugerir a prática de esportes como recurso complementar a uma psicoterapia, por exemplo. A participante Vanessa expressa sua empolgação com a possibilidade de utilizar o esporte desta maneira:

“Eu já até comentei assim “ah, quando eu for psicóloga a primeira coisa que eu vou perguntar: não, mas você faz esporte?” (risos), para mim já indicar “então vamos fazer um esporte?” pr-pras coisas irem andando, assim, de forma mais leve. Porque é como eu

te falei, é desestressante, é relaxante, é um momento, assim, de-de paz.”

Algo interessante, percebido nos diferentes discursos das participantes, foi o fato de que aquelas que praticam os esportes de forma profissional, pensaram a necessidade de se abordar o tema na formação de novos/as psicólogos/as de maneira que a atuação dos/as mesmos/as fosse mais voltada aos/as atletas profissionais. Percebe-se, então, que cada participante identifica as necessidades de atuação de acordo com os próprios contextos em que estão inseridas.

No caso, portanto, dos/as atletas profissionais os quais estão inseridos/as em ambientes de extrema e constante pressão, cobrança e estresse, é de suma importância que haja acompanhamento psicológico para os/as mesmos/as neste contexto. Lembrando que nesse caso, o acompanhamento psicológico funciona tanto como forma de promover e manter a saúde mental quanto como forma de assegurar o bom rendimento dos/as atletas. Para Fabiani (2009), “propiciar aos atletas respaldo psicológico é tão importante quanto lhes fornecer uma alimentação balanceada e exercícios regulares” (p. 2).

Além do que já foi exposto, uma terceira forma de atuação foi mencionada durante as entrevistas, a qual se caracteriza pela promoção de uma maior conscientização acerca da importância da prática de atividade física e, conseqüentemente, o encorajamento de meninas e mulheres a participarem deste tipo de atividade para que possam usufruir de seus benefícios. O papel da Psicologia nesse sentido é muito importante já que nossa sociedade atual, por mais que já tenha progredido em relação à prática de esportes por parte das mulheres, ainda carece de maiores avanços nesta área.

Através da fala das participantes, ficou claro que a maioria delas acredita que ainda falta incentivo, por parte da sociedade, para que as mulheres adentrem o mundo dos esportes. De

acordo com as mesmas, este incentivo é escasso e quando se faz presente não abrange todas as modalidades de esportes, somente aqueles considerados mais “femininos”. Isso está intimamente ligado aos estereótipos de gênero presentes em nossa sociedade.

Nas palavras de Bia, este incentivo estaria presente de outra maneira:

“Eu acho que, se influência, é... de um jeito indireto. Eu acho que a nossa sociedade influencia muito mais as mulheres a emagrecer e terem o corpo padrão e aí isso, indiretamente, influencia ela a começar a praticar esporte. Entendeu? Tipo... o que eles realmente querem é que a mulher tenha o corpo padrão e o jeito que as mulheres têm para conseguir isso é o esporte, então, de uma forma indireta, a sociedade tem essa influência. Uh... a sociedade que eu falo, a sociedade que tá mais aí, é... a sociedade mais opressora, né, que têm os padrões de beleza, que é só, que não abrange todos os tipos de corpos.” (Bia).

A fala de Bia nos mostra algo realmente preocupante tendo em vista os inúmeros males que a busca incessante pelo corpo ideal pode trazer para a saúde mental de meninas e mulheres. Como diria Novaes (2011), em alguns casos, a consequência por não conseguir atingir o padrão hegemônico de beleza pode levar ao sofrimento psíquico, expresso, por exemplo, pelo sentimento de fracasso, pelo estresse e por transtornos mais graves como a depressão, a anorexia e a bulimia.

Como já mencionado anteriormente por Bia, iniciar a prática esportiva com objetivos puramente voltados para a busca do corpo ideal talvez não seja a maneira mais saudável de se iniciar a atividade física. Se levarmos em consideração, também, que o incentivo que a sociedade

promove se volta justamente para tais objetivos veremos que isto se torna ainda mais preocupante, pois os riscos de que a experiência esportiva se torne apenas mais uma fonte de adoecimento, crescem.

Dessa forma, chegamos a conclusão de que cabe ao/à psicólogo/a atuar de forma preventiva como forma de garantir e preservar a saúde mental das mulheres. É muito importante que sejam desenvolvidas novas formas de conscientização e de incentivo à prática de esportes e atividades físicas que sejam voltadas para objetivos mais saudáveis do que as que já estão presentes em nossa sociedade. Levando em consideração que, como discutido anteriormente nas seções teóricas da presente Monografia, é importante introduzirmos este incentivo ainda nas escolas de modo a abranger nossos/as jovens. Ou seja, a discussão a respeito da relação entre práticas esportivas, saúde e empoderamento é de interesse dos/as profissionais da Psicologia Escolar, pois esses/essas profissionais, junto às instituições de ensino e junto aos/as professores/as, podem promover essa conscientização e este incentivo de maneira mais saudável.

Ao final desta subseção, podemos nomear, então, algumas das possibilidades de atuação dos/as psicólogos/as em relação aos esportes: (a) como complemento à psicoterapia, dependendo da demanda do cliente; (b) voltada ao ambiente estressor do esporte profissional; (c) ao trabalhar com a conscientização a respeito da importância da atividade física para a saúde física e mental bem como da importância de se incentivar meninas e mulheres a adentrar este mundo.

Considerações Finais

Tendo em mente a discussão teórica desenvolvida na presente Monografia, bem como as informações construídas ao longo da pesquisa de campo e as articulações feitas entre ambas, pode-se concluir que o objetivo geral, a seguir, foi alcançado: investigar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas.

De acordo com os relatos das participantes concluímos que a prática esportiva pode trazer contribuições importantes para o empoderamento feminino na forma de um “sentimento de capacidade” ou de um “conhecimento aplicável em outras áreas da vida”. Isso está intimamente ligado ao que denominamos, respectivamente, de “autonomia” e “aptidão”, ambos conceitos que compõem o que chamamos de empoderamento. Dessa forma, todo o aprendizado oferecido pela prática de esportes pode ser utilizado de maneira a aumentar o conhecimento das esportistas tornando-as mais aptas a tomarem decisões e possibilitando um maior leque de opções quando se trata dessas decisões. Ou seja, após a pesquisa realizada, conclui-se que a prática de esportes como fonte de empoderamento feminino consiste, sim, em uma possibilidade real.

Além disso, também ficou claro, no discurso das participantes, os benefícios da prática de esportes para a saúde mental e física das mulheres. Ou seja, a partir das informações construídas ao longo da pesquisa, podemos concluir que a prática de esportes possui grande potencial quando o foco é a promoção da saúde e do empoderamento feminino. Concluímos, também, que a área esportiva consiste em um campo fértil e em constante crescimento para a atuação do/a psicólogo/a, principalmente se considerarmos que, ao longo do tempo as mulheres vêm, cada vez

mais, ocupando seu espaço neste ambiente, o qual também possui potencial para ser prejudicial, a depender de alguns fatores, já mencionados anteriormente.

Dessa forma, mostra-se necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas nesta área a fim de estudar mais a fundo o tema e suas dimensões de modo que a atuação do/a psicólogo/a seja embasada em maior riqueza, em termos de conhecimentos científicos, a respeito deste ambiente. Não podemos deixar de mencionar, também, que os/as profissionais da Psicologia Escolar podem fazer uso de novos conhecimentos a respeito das práticas esportivas em sua atuação junto às escolas e professores, visando a conscientização e inserção dos/as alunos/as, ainda jovens, nos contextos esportivos. Além disso, também cabe ao/à psicólogo/a escolar auxiliar na promoção de uma experiência saudável e satisfatória em relação aos esportes para os/as jovens.

É claro que não devemos considerar os conhecimentos produzidos na presente pesquisa como verdades absolutas sem levar em consideração que cada indivíduo possui suas particularidades e, portanto, cada pessoa que praticar esportes terá sua própria experiência em relação aos mesmos. O que podemos fazer como profissionais da Psicologia é buscar, cada vez mais, conhecimentos sobre esta área e utilizá-los de maneira a otimizar esta experiência e para garantir que a mesma será satisfatória tanto para quem a busca pela sua potencialidade terapêutica em termos físicos e mentais quanto para quem pratica profissionalmente.

Sendo assim, a presente pesquisa traz algumas contribuições importantes em relação ao tema, no entanto ainda há muito a ser investigado. Uma das possíveis questões que podemos ter em mente para futuras pesquisas diz respeito às desigualdades de gênero. Ao final da presente pesquisa, chego à conclusão, a partir dos relatos das participantes, que o ambiente esportivo ainda é um ambiente que, apesar de promover saúde e empoderamento, também é local de

expressão dessas desigualdades. Com a intenção de estimular a realização de novas pesquisas na área, apresento os seguintes questionamentos: como o empoderamento feminino pode contribuir para a desconstrução das desigualdades de gênero? De que forma a psicologia pode auxiliar na desconstrução das desigualdades de gênero dentro do ambiente esportivo?

Dessa forma, creio que novas pesquisas a respeito deste tema necessitam ser desenvolvidas, tendo como foco principal as desigualdades de gênero neste contexto. Afinal, por mais que, nos últimos tempos, a presença das mulheres nos esportes venha crescendo e figuras importantes como Marta, Ingrid Silva e Rafaela Silva⁸ venham ganhando maior visibilidade nos esportes profissionais, o caminho a ser percorrido pelas mulheres que desejam seguir carreira neste ambiente ainda se encontra cheio de adversidades que devem ser enfrentadas pelas mesmas. Algumas dessas adversidades dizem respeito a questões relacionadas às desigualdades de gênero. Dessa forma, acredito ser importante explorarmos mais essa temática na Psicologia e desenvolver, também, pesquisas mais aprofundadas a respeito do empoderamento feminino no âmbito dos esportes, tanto profissionais quanto amadores.

Por fim, também é importante termos em mente que os conhecimentos científicos que construímos a respeito das desigualdades de gênero, nos diversos âmbitos em que elas se expressam, incluindo o mundo dos esportes, pode nos auxiliar como importante ferramenta na longa luta que travamos no cotidiano na direção da construção de um mundo livre de tais desigualdades. O empoderamento feminino é uma peça chave no caminho que trilhamos na busca, individual e coletiva, por igualdade e também consiste em um tema muito importante para a investigação, na Psicologia e em outras áreas também. Portanto, é dever dos/as psicólogos/as investirem em contribuições acadêmicas voltadas para o enfrentamento dos problemas de nossa

⁸ Respectivamente: (a) jogadora brasileira de futebol, negra, eleita seis vezes como melhor do mundo; (b) bailarina brasileira, negra, conquistou posição mais alta dentro da companhia em que dança, em Nova York; (c) lutadora de judô, negra, conquistou a primeira medalha de ouro nas Olimpíadas de 2016.

sociedade, dentre estas as desigualdades.

Referências Bibliográficas

- Adichie, C. N. (2014). *Sejamos Todos Feministas*. Companhia das Letras.
- Adichie, C. N. (2017). *Para educar crianças feministas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Altmann, H.(2017). *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano no Brasil - Atividades Físicas e Esportivas e Mulheres no Brasil*. Retirado de <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Ge%CC%82nero.pdf>
- Almeida, T. M. C. (2014). Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente é atualizado em escala mundial. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 329-340.
- Adelman, M. (2006). Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, 12(1), 11-29.
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bento, B. (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, 19(2), 549-559.
- Borrillo, D. (2009). A homofobia. Em Lionço, T. & Diniz, D. (Orgs), *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio* (pp. 15-46). Brasília: Letras Livres / Editora da Universidade de Brasília.
- Carvalho, T. D., Nóbrega, A. D., Lazzoli, J. K., Magni, J. R. T., Rezende, L., Drummond, F. A., & Teixeira, J. A. C. (1996). Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde. *Rev Bras Med Esporte*, 2(4), 79-81.

- Fabiani, M. T. (2009). Psicologia do Esporte: a ansiedade e o estresse pré-competitivo. *Anais eletrônicos do VIII Congresso Nacional de Educação*, Curitiba, 8, 12337-12345.
Retirado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0483.pdf>
- Fonseca, J.V.C. (2018). *Corpos (In)desejáveis: O Fenômeno da Transfobia a partir da Perspectiva de Pessoas Trans e Psicólogos/as*. Monografia. UniCeub, Brasília, DF.
- Gomes, R. (2016). Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa. Em M.C.S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 70-108). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8(1), 85-100.
- Lima, M. (2016). *O uso da entrevista na pesquisa empírica*. In: Abdal, A.; Ghezzi, D.R.; Júnior, J.S.; Oliveira, M.C.V.. *Métodos De Pesquisa Em Ciências Sociais: bloco qualitativo*. São Paulo: Cebrap, p. 24-41.
- Louro, G. L. (1998). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis. Vozes.
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), 283-300. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14958.pdf>
- Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

- Madureira, A. F. A. (2010a). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. Em A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Technopolitik.
- Madureira, A. F. A. (2010b). Gênero, fronteiras simbólicas e imagens: implicações metodológicas e educacionais. *Anais - Simpósio: Gênero e Psicologia Social* (pp.17-30). Brasília: TechnoPolitik.
- Madureira, A. F. A. (2013). Psicologia Escolar na contemporaneidade: construindo “pontes” entre a pesquisa e a intervenção. In E. Tunes (Org.), *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 55-73). Brasília: UniCEUB.
- Madureira, A.F.A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Arte e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.
- Madureira, A.F.A.; Branco, A.U. (2001). A Pesquisa Qualitativa em Psicologia do Desenvolvimento: Questões Epistemológicas e Implicações Metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A.; Branco, A. U. (2015). Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, 23(3), 577-591.

- Madureira, A. F. A. & Fonseca, J. V. C. (2020). A escola na prevenção da violência: a transfobia em discussão. Em I. L. Fuhr (Org.), *Na escola e na vida cotidiana* (pp. 97-110). Curitiba: CRV.
- Marinho-Araújo, C. M. (2010). Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. *Em Aberto* 83, 23(83), 17-35.
- Moura, D. L.; Santos, F.; Bento, G.; Lovisolo, H. (2009). Esporte, mulheres e masculinidades. *Esporte e Sociedade*, 5(13), 1-22.
- Moraes, E. V.(2012). *As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1979-1990)*. (Tese de Doutorado). PUC, São Paulo, SP.
- Minayo, M.C.S. (2016). O Desafio da Pesquisa Social. Em M.C.S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Novaes, J. V. (2011). Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. Em M. Del Priore & M. Amantino (Orgs.), *História do Corpo no Brasil* (pp. 477-506). São Paulo: Unesp.
- Oliveira, E. N., de Aguiar, R. C., de Almeida, M. T. O., Eloia, S. C., & Lira, T. Q. (2011). Benefícios da Atividade Física para Saúde Mental. *Saúde Coletiva*, 8(50), 126-130.
- ONU. (2015). *Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Retirado de <https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/agenda2030/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf>
- Salles-Costa, R.; Werneck, G. L.; Lopes, C. S.; Faerstein, E. (2003). Associação entre fatores sócio-demográficos e prática de atividade física de lazer no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 1095-1105.

- Santana, E.L. (2016). As mulheres contra o patriarcado e as relações desiguais de gênero: aspectos teóricos e práticos no combate às opressões. *Universidade e Sociedade*, 58(1), 32-41. Retirado de <http://www.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1294143947.pdf>
- Silva, C. D. (2012). A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. *Revista Direito em Foco*, 5, 1-9.
- Siqueira, D.; Samparo, A. J. (2017). Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero a luta pela igualdade. *Revista Direito Em Debate*, 26(48), 287-325.
- Scott, (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Sardenberg, C. (2017). Conceituando Empoderamento na Perspectiva Feminista. Em Santos, D. A.; Cardoso, M.G.C.; Scott, P. (Org.). *Feminismo, diferenças e desigualdades nas políticas públicas e desenvolvimento: algumas leituras fundamentais* (pp. 26-35). Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. Retirado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>
- Souto, L.T.O. (2020). *Feminilidades e Negritudes nas Telas: Diálogos entre a Psicologia e o Cinema*. Monografia. UniCeub, Brasília, DF.
- Tunes, E. (2013). Tempo, Educação e Psicologia. Em E. Tunes (Org.), *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 11-16). Brasília: UniCEUB. Retirado de: http://www.bfp.uff.br/sites/default/files/servicos/documentos/o_fio_tenso_que_une_a_psicologia_a_educacao_elizabeth_tunes_1.pdf

Empodera.(2017). Quem Somos. Retirado de <http://www.empodera.org.br/>

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.

Anexos

Anexo A

Roteiro de Entrevista

1. Fale-me um pouco sobre você. Como você começou a praticar esportes? Por que começou?
2. Desde que começou a praticar esportes, notou alguma mudança em como você se relaciona com o mundo, com o seu próprio corpo e consigo mesma, ou não? (Se sim, fale um pouco sobre esta experiência)
3. Existem pessoas que acreditam que praticar esportes pode ajudar as mulheres a se empoderar e desenvolver plenamente seu potencial. Existem pessoas que discordam. Como você se posiciona em relação a este assunto? Por quê? (Se sim, como?)
4. Você acha que homens e mulheres possuem oportunidades iguais dentro dos esportes, ou não? Por quê? (Se não, você poderia apresentar um exemplo?)
5. Existem pessoas que acreditam que o ambiente esportivo é um ambiente de expressão das desigualdades entre homens e mulheres. Existem pessoas que discordam. Como você se posiciona em relação a este assunto? Por quê?
6. Você acredita que a nossa sociedade incentiva a participação das mulheres nos esportes, ou não? Por quê?
7. Como você acha que a mídia retrata a mulher esportista? Você concorda com este retrato, ou não? Por quê?
8. Para você, quais são os padrões estéticos, relacionados ao corpo feminino, presentes nos ambientes esportivos? Qual a sua opinião sobre isso?
9. Em sua opinião, existem diferenças em como as mulheres são recebidas no ambiente esportivo dependendo do tipo de esporte, ou não? (Se sim, cite alguns exemplos?)

10. Existem pessoas que acreditam que o fato da pessoa ser homem ou mulher importa na escolha do esporte. Qual a sua opinião a respeito disso? Por quê?
11. Você acredita que a prática de esportes pode contribuir para a saúde mental das pessoas, ou não? (Se sim, como?)
12. Em sua opinião, é importante que a psicologia aborde questões ligadas ao esporte durante a formação de novos/as psicólogos/as, ou não? Por quê?
13. Você acredita que a discussão a respeito da prática de esportes pode contribuir na atuação do/a profissional de psicologia, ou não? (Se sim, de que maneira?)
14. Você gostaria de acrescentar algo?

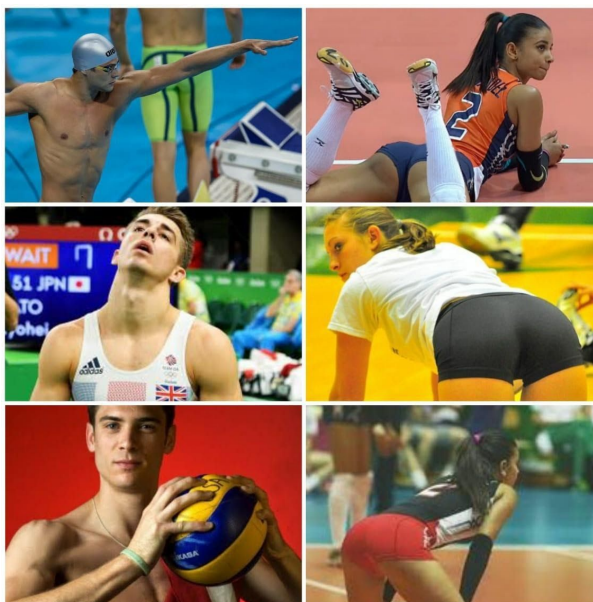
Imagens Seleccionadas

Imagem 1



Qual dessas imagens te agrada mais? Por quê?

Imagem 2



O que você vê nessas imagens? Você gosta do que vê, ou não? Por quê?

Imagem 3



Se você pudesse escolher, quem você seria? Por quê? Quem você não seria? Por quê?

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Esportes e seu Potencial Empoderador para as Mulheres Praticantes: Uma Possibilidade Real ou Apenas Mito?

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisadora assistente: Victória Alves Ferreira de Almeida

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitada a você será solicitada a expressar sua concordância verbalmente.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo deste estudo é investigar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas.
- Você está sendo convidada a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual virtual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em uma entrevista individual virtual, com a apresentação de imagens previamente selecionadas. A entrevista será gravada em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo. A pesquisa será realizada virtualmente através do Google Meet.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista e a apresentação de imagens para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca da temática focalizada na presente pesquisa.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Victoria Alves Ferreira de Almeida, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao(à) senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de ____ .

Participante

Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755, E-mail: ana.madureira@ceub.edu.br

Victoria Alves Ferreira de Almeida
Celular: (61) 998684678, E-mail: victoria.almeida@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB
Bairro: Asa Norte
Cidade: Brasília – DF
CEP: 70790-075
Telefone p/contato: (61) 3966-1200

Anexo C

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os Esportes e seu Potencial Empoderador para as Mulheres Praticantes: uma Possibilidade Real?

Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 37744820.0.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.347.863

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

O projeto de pesquisa em questão tem como objetivo geral investigar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas. As participantes serão mulheres, entre 18 e 40 anos, estudantes do Curso de Psicologia, a partir do terceiro semestre, e que praticam esportes regularmente. De forma mais específica, será utilizada uma metodologia de investigação qualitativa mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com as participantes, de forma integrada à apresentação de diferentes imagens (fotografias) previamente selecionadas. O uso de imagens visa estimular a construção de narrativas e reflexões por parte das participantes sobre as temáticas focalizadas. Serão realizadas 6 entrevistas individuais. Todas as participantes serão mulheres maiores de idade, que não fazem parte de populações vulneráveis e que serão selecionadas via rede social da pesquisadora. As entrevistas serão realizadas virtualmente devido a pandemia de COVID-19. Após a realização das entrevistas individuais, as mesmas serão transcritas e interpretadas a partir de categorias analíticas temáticas, construídas após a transcrição das entrevistas.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 4.347.863

Objetivo da Pesquisa:

Foi apresentado o seguinte objetivo primário à pesquisa: "Investigar como a prática de esportes pode contribuir com o empoderamento das mulheres bem como com o desenvolvimento de habilidades que as tornam capazes de exercer seu pleno potencial e serem protagonistas de suas vidas".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios à pesquisa, apresentados, foram: riscos - "A pesquisa apresenta baixos riscos. Tais riscos são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas durante a entrevista serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será assegurado o sigilo em relação à identidade pessoal das participantes, bem como será apresentada a orientação de que não existem respostas certas ou respostas erradas e que é esperado que as participantes respondam de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento às participantes, as mesmas não precisam realizá-lo"; benefícios - "Ao participar da pesquisa em questão, as participantes contribuirão com o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema focalizado na pesquisa".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa tem condições éticas e científicas para ser realizada. Foram apresentados o seu objetivo, os riscos e benefícios e a metodologia. A pesquisa será financiada pelos pesquisadores e o cronograma encontra-se compatível à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os pesquisadores possuem o currículo na Plataforma Lattes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos, necessários à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa: a Folha de rosto para pesquisa com seres humanos, autorizada pela coordenadora do curso; o TCLE, elaborado de forma adequado; o roteiro de entrevista e as imagens selecionadas como instrumento de pesquisa.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução CNS nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 4.347.863

tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

o projeto pode ser iniciado.

Ressaltamos que os dados da pesquisa, incluindo o TCLE, devem ser guardados pelo período de cinco anos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 4.340.792/20, tendo sido homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 25 de setembro de 2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	AutorizacaoCoordenacao.pdf	11/09/2020 10:53:57	Lohana Araújo Pontes	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1626155.pdf	10/09/2020 17:24:25		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMonografiaVictoria.pdf	10/09/2020 17:22:59	VICTORIA ALVES FERREIRA DE ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/09/2020 15:48:37	VICTORIA ALVES FERREIRA DE ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	10/09/2020 15:47:53	VICTORIA ALVES FERREIRA DE ALMEIDA	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 4.347.863

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 19 de Outubro de 2020

Assinado por:

Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br